

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**ESPECIALIZAÇÃO EM TERAPIA DE FAMÍLIA E CASAL**

**COGEAE**

**"LIGAR, POSTAR, CURTIR OU COMPARTILHAR? EIS A  
QUESTÃO!":**

**Um estudo sobre a relação do idoso com as tecnologias da  
informação e comunicação**

**MONIQUE FERNANDES SILVA SANTOS**

**São Paulo**

**2013**

**MONIQUE FERNANDES SILVA SANTOS**

**"LIGAR, POSTAR, CURTIR OU COMPARTILHAR? EIS A  
QUESTÃO!":**

**Um estudo sobre a relação do idoso com as tecnologias da  
informação e comunicação**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Terapia Familiar e Casal do COGEAE da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Ceneide Maria de Oliveira Cerveny.

**São Paulo**

**2013**

***"Ninguém é tão grande que não possa aprender, nem tão pequeno que não possa ensinar".***

**Píndaro**

## AGRADECIMENTOS

À Professora Ceneide Cerveny por todo o olhar generoso e as ricas contribuições para a produção dessa monografia.

À Mathilde Neder, simplesmente por me enriquecer com suas experiências, vivências e histórias.

Às participantes desta pesquisa, que de maneira acolhedora me receberam e aceitaram com entusiasmo compartilhar suas estórias e contribuir de maneira significativa para a construção desta pesquisa.

À minha saudosa avó Isabel Dourado, com muito carinho, por ter acendido em mim a chama da curiosidade sobre este tema de pesquisa.

À minha querida amiga Selma Razzini, por todo apoio, parceria, cumplicidade nesses anos de formação e profissão e nos momentos mais variados da minha vida.

À Gabriela Whitaker e Eduardo Simon por questões de apoio que jamais poderei retribuir.

Aos meus amigos e irmãos na fé por todo apoio e orações.

Aos meus amados irmãos Mônica e Isael. À Mônica por todas as vezes que me ofereceu o silêncio e refúgio da sua casa para a produção desta monografia; por todo incentivo, apoio, compreensão e leituras críticas. Ao Isael por todo incentivo e companhia nas madrugadas enquanto relia e terminava esta produção.

Aos meus amados pais Isael e Fátima, por toda a formação, estrutura, educação, apoio, suporte e amor que me deram por todos esses anos. Jamais terei palavras para agradecer por tudo. Amo vocês do meu jeito.

A Deus pela vida que tenho e por todas as benções a mim concedidas.

## **RESUMO**

### **"LIGAR, POSTAR, CURTIR OU COMPARTILHAR: EIS A QUESTÃO!": UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO DO IDOSO COM AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO**

Monique Fernandes Silva Santos

**NUFAC - Núcleo de Família e Comunidade da PUC - São Paulo  
2014**

O objetivo deste trabalho foi compreender a dinâmica do que aproxima o idoso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e se havia influência familiar e social para acontecer essa aproximação. Com o crescimento da longevidade e as formatações sociais contemporâneas, torna-se emergente proporcionar espaços de reflexão e construção de conhecimento na Psicologia sobre as novas configurações sociais e subjetivas que surgem da relação dos idosos com as TIC. A partir da perspectiva Sistêmica e da Fenomenologia fundamentei a construção do método com pesquisa qualitativa, com delineamento de estudo de caso coletivo e aplicação de entrevistas semiestruturadas para a apreensão e compreensão desse fenômeno. Foram entrevistadas 3 participantes, de 60 a 72 anos, residentes na cidade de São Paulo, de classe média que usam e têm acesso as TIC. Os resultados mostraram que as relações familiares e sociais influenciam de maneira significativa a forma como o idoso lida e encara o uso das TIC, seja para se comunicar e manter laços com parentes e amigos, para se manter informado e a possibilidade de conhecer e experienciar novas possibilidades de ser e estar no mundo consigo e com o outro. Apesar das dificuldades que são encontradas no aprender a usar os equipamentos, a lidar com as ferramentas, em estar incluído, presente e não excluído deste cenário contemporâneo, o idoso acaba aproveitando e se beneficiando das tecnologias modernas.

**Palavras-chave:** Idoso, Família, Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

**ORIENTADORA:** Ceneide Maria de Oliveira Cerveny

## **ABSTRACT**

The subject of this study was to understand the dynamics that links the elderly with the Information and Communications Technology (ICT) and the influence of family and/or social environment on it. Longevity and contemporary ways of life bring a need to create knowledge on the relationship of the elderly with the current ICT developments. I based the study on the Systemic Theory and the Phenomenology approach and did a qualitative research with collective case study, plus semi-structured interviews with three people, sixty to seventy two years of age, middle class, who live in Sao Paulo and have access to ICT. The results showed that family and social environments have a big influence on the relationship between the elderly and ICT; furthermore, the latter can benefit and be a great tool for the elderly despite their initial difficulty of learning how to manage technology.

Key word: Elderly, Family, Information and Communication Technology (ICT).

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
O CENÁRIO ATUAL .....	8
1. FALANDO DE IDOSO NA ERA DIGITAL.....	14
2. A COMUNICAÇÃO COMO FORMA DE RELAÇÃO .....	21
2.1. AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E OS IDOSOS .....	24
3. MÉTODO .....	29
3.1 PARTICIPANTES.....	29
3.1.2 TABELA 1: DADOS DEMOGRÁFICOS E SÓCIOECONÔMICO DAS PARTICIPANTES ENTREVISTADAS.....	30
3.2 INSTRUMENTOS.....	31
3.3 PROCEDIMENTOS.....	33
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	35
4.1. TABELA 2: CARACTERIZAÇÃO DO ACESSO E USO DOS TIC PELAS PARTICIPANTES ENTREVISTADAS.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
5. REFERÊNCIAS .....	61
ANEXOS .....	65
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	66
QUESTIONÁRIO .....	68
TRANSCRIÇÕES.....	72
TRANSCRIÇÃO PARTICIPANTE 1 .....	72
TRANSCRIÇÃO PARTICIPANTE 2 .....	86
TRANSCRIÇÃO PARTICIPANTE 3 .....	99

# INTRODUÇÃO

## O CENÁRIO ATUAL

O cenário contemporâneo nos trás vários fenômenos emergentes dos quais, ainda, não temos como identificar os resultados que terão na nossa sociedade. Porém, podemos estudá-los, pesquisá-los, explorá-los para tentar compreender como nos impacta hoje e "imaginar" quais possíveis caminhos eles tomarão ao longo do tempo na nossa cultura.

Desses fenômenos, cito dois em especial: a longevidade da população e as influências das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) que influenciam todos, ou quase todos, os aspectos da nossa vida, (re)criando novas configurações subjetivas as quais o homem contemporâneo tem vivenciado em suas novas formas de se relacionar consigo, com o outro, com a sua família e com o mundo.

Muitas transformações aconteceram ao longo das várias épocas que marcaram a nossa sociedade e geraram grandes modificações nas estruturas sociais, familiares, econômicas, culturais e de relacionamentos (intrapessoal e interpessoal). Dentre eles podemos referir: a invenção da imprensa, a Revolução Industrial, o rádio, a telefonia, a televisão, o cinema e a Web (GALANO, 2011; MAMEDE-NEVES, 2006).

Várias outras mudanças de cunho histórico, social, sanitário e cultural, proporcionaram melhores condições para o envelhecimento da população. Como por exemplo, o uso de tecnologias para prevenção de doenças, a diminuição de mortes por doenças infectocontagiosas, o controle da natalidade, uso de métodos contraceptivos, como por exemplo, o uso de anticoncepcionais, a oferta e qualidade na alimentação variada, a entrada da mulher no mercado de trabalho, entre outros fatores.

Ao mencionar Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), faço uma referência ampla de todos os meios tecnológicos que proporcionam essa comunicação e interatividade audio-visual presentes no nosso cotidiano, seja através da tevê, que atendendo cada vez mais uma demanda capitalista de consumo, torna sua programação mais dinâmica, veloz e interativa; do celular que se mostrou uma extensão da telefonia fixa, porém com maiores recursos e mobilidade (NICOLACI-DA-COSTA, 2006); a Web, com seus aplicativos que facilitam vários tipos e formas de comunicação, informações e relações, pois simulam espaços do qual o outro, mesmo ausente fisicamente, possa estar presente *on line* (GALANO, 2011).

Além disso, o sujeito contemporâneo, nos centros urbanos, se constitui, a partir, e inseridos na lógica da sociedade da informação, em que estar conectado e atualizado se faz necessário e é parâmetro de sucesso e felicidade no plano existencial. Saber o que acontece neste momento e no mundo acaba se tornando necessidade, para estar inserido no grupo que possui a informação, ou seja, que

está atualizado. Fazer parte de comunidades virtuais, ter vários amigos que acessem o seu perfil na internet, curta e compartilhe o que você divulga ou escreve aparece como outra necessidade para esse parâmetro de sucesso. Como afirma Honorato:

*“Com o advento da fibra ótica, computadores, conexões sem fio e outras tecnologias, comunicar-se e buscar informações tornou-se uma atividade cotidiana em qualquer lugar do mundo. A sociedade é hoje definida como a ‘sociedade da informação, em que estar conectado com o mundo e em contato direto com novas tecnologias se faz necessário’.” (HONORATO, 2006, p.31)*

A partir daí, me perguntei: o que aproxima o idoso das TIC? Por isso, esta pesquisa teve como objetivos específicos, os seguintes pontos:

- Investigar os recursos da tecnologia de comunicação que são mais acessíveis ao idoso;
- Identificar as dificuldades encontradas pelo idoso no uso dessas tecnologias;
- Identificar em quais momentos a tecnologia da comunicação se faz utilizável pelo idoso;
- Investigar em que medida a família influencia o idoso no uso das tecnologias da comunicação;

- Identificar se o uso dessas tecnologias promove a inclusão do idoso no meio familiar ou social.

Em meio a todas essas modificações sociais, econômicas, tecnológicas e subjetivas, Maiorino afirma que,

*“nosso tempo está produzindo novas subjetividades e, portanto, novos modos de ser e sentir, o que acarreta logo, novos modos de sofrimento e de adoecimento desses homens[...]” (MAIORINO, 2005, p.58)*

A população idosa tem crescido no decorrer dos anos e daqui algumas décadas a realidade brasileira passará a ter um número considerável de idosos. Portanto, este estudo se mostra importante para a contribuição de entendimentos das necessidades geradas nessa população mediante as modificações tecnológicas que influenciam e são influenciadas por seus usuários.

Pensar em Políticas Públicas para acolher e auxiliar essa população que está cada dia mais próxima da nossa realidade e como os TIC podem contribuir numa melhor experiência a atender as demandas criadas por essa camada populacional também se faz importante.

Alguns projetos já foram criados para atender e estimular essa interação do idoso com o computador, tanto no exterior quanto no Brasil, apontando as

necessidades de modificações que precisam ocorrer para atender essa população e a vantagem do uso por esta. Kachar (2009, 2006) apresenta em seus estudos vários projetos que existem no Brasil para atender essa nova demanda. Entre eles, ela cita o Programa Sociedade da Informação (SocInfo), que foi um movimento do governo federal para inclusão dos idosos de baixa renda no acesso e uso às TIC, através do Decreto Presidencial nº 3.294 em 15 de dezembro de 1999. Outro programa é o Governo Eletrônico - Serviço de Atendimento ao Cidadão (GESAC), que também tem por objetivo a inclusão dos idosos e acesso a internet de conexão de alta velocidade em áreas consideradas isoladas.

Além desses programas citados anteriormente, o governo federal apoia alguns outros programas como: Telecentros Comunitários Banco do Brasil; Programa Nacional de Informática na Educação (ProInfo); Computador para Todos; Computadores para Inclusão; Programa Estação Digital, todos eles com o enfoque de promover o acesso da população (muitas vezes carente) à computadores, salas de informática e capacitação no uso das TIC. Diversos sites que foram criados voltados para a população idosa, com os objetivos de atender esta população seja em informação, orientações de saúde, direitos desta população, lazer, nutrição, entre outros. (KACHAR, 2009)

Existem também contribuições do Terceiro Setor, por exemplo, o OLDNET. Este programa compreende muitos dos questionamentos e pontos apresentados nesta pesquisa. Com a justificativa do envelhecimento e crescimento da população idosa eles se preocuparam em criar formas de promover a inclusão do idoso na

sociedade da informação e da tecnologia. Neste programa a tecnologia se apresenta como mediadora entre jovens e idosos durante oficinas. Os jovens, de maneira voluntária, compartilham seus conhecimentos de informática à pessoas de mais idade, ensinando a usar o computador e navegar pela internet. Parte dos objetivos desse projeto é voltado ao desenvolvimento social e humanístico, possibilitando relações enriquecedoras entre as diferentes gerações:

*Desta forma, o jovem faz uso de suas habilidades tecnológicas e dedica seu tempo ensinando os mais velhos a percorrer novos caminhos rumo às infinitas possibilidades do universo digital. Os idosos, estimulados a adotar uma postura inteiramente nova em relação à tecnologia e à sociedade, descobrem novos mundos e percebem o quanto ainda podem e devem fazer em busca de mais qualidade de vida.(OLDNET, 2013, site)*

E a Psicologia como atuação, especialmente a Psicologia Familiar no atendimento das pessoas individualmente e suas famílias, pode compreender essas novas subjetividades que estão sendo produzidas, já que esse tema ainda não está presente em muitas pesquisas.

## 1. FALANDO DE IDOSO NA ERA DIGITAL

Ao falar de idoso, nomeio a pessoa com 60 anos ou mais, como o estabelecido pela Organização Mundial de Saúde, em 1984. Existem vários questionamentos referentes ao uso desta palavra, que poderia ser usada também para referir-se ao estado psicológico de uma pessoa, que apesar de não ter 60 anos já se sinta "velha". Daí, surge outra discussão, pois atualmente, a palavra velho tem sido usada como sinônimo de obsoleto, fora de uso<sup>1</sup>.

Alguns estudos já apontam variações no emprego da nomenclatura idoso devido ao crescimento da população que tem vivido mais tempo e do espaço entre a faixa de idade dessa população nessa classificação. Categorias novas estão aparecendo, como por exemplo, a "quarta idade". Um apontamento bem interessante é colocado por Debert (2012), quando questiona o uso desse termo nas pesquisas englobando várias pessoas num mesmo bloco, não considerando essa diferença de 20, 30 anos, pensando assim em novas categorias:

*"(...) Nesses sentido novos recortes são propostos: jovens idosos (65-75 anos); idosos- idosos (acima de 75 anos), como quer Uhlemberg (1987); ou, ainda, idosos mais idosos (com mais de 85 anos), como sugere Johnson (1987), dariam ao envelhecimento recortes diferenciadores mais significativos." (DEBERT, 2012, p. 93)*

Ao pensar nesse impasse do uso de nomenclaturas e os sentidos por eles incorporados, imagino que daqui algumas décadas surgirão novos rótulos para

---

<sup>1</sup> O significado de idoso e de velho foram pesquisados no dicionário de português on line da Michaelis.

nomear esse fenômeno do envelhecimento da população. Haverá uma nova distribuição das faixas etárias a partir dos 60 anos ultrapassando os 100 anos. Pois com as várias conquistas e melhorias da ciência, principalmente no campo da saúde, alcançar recursos para possibilitar uma extensão da vida será "naturalizável", assim como as TIC e as demais tecnologias utilizadas diariamente.

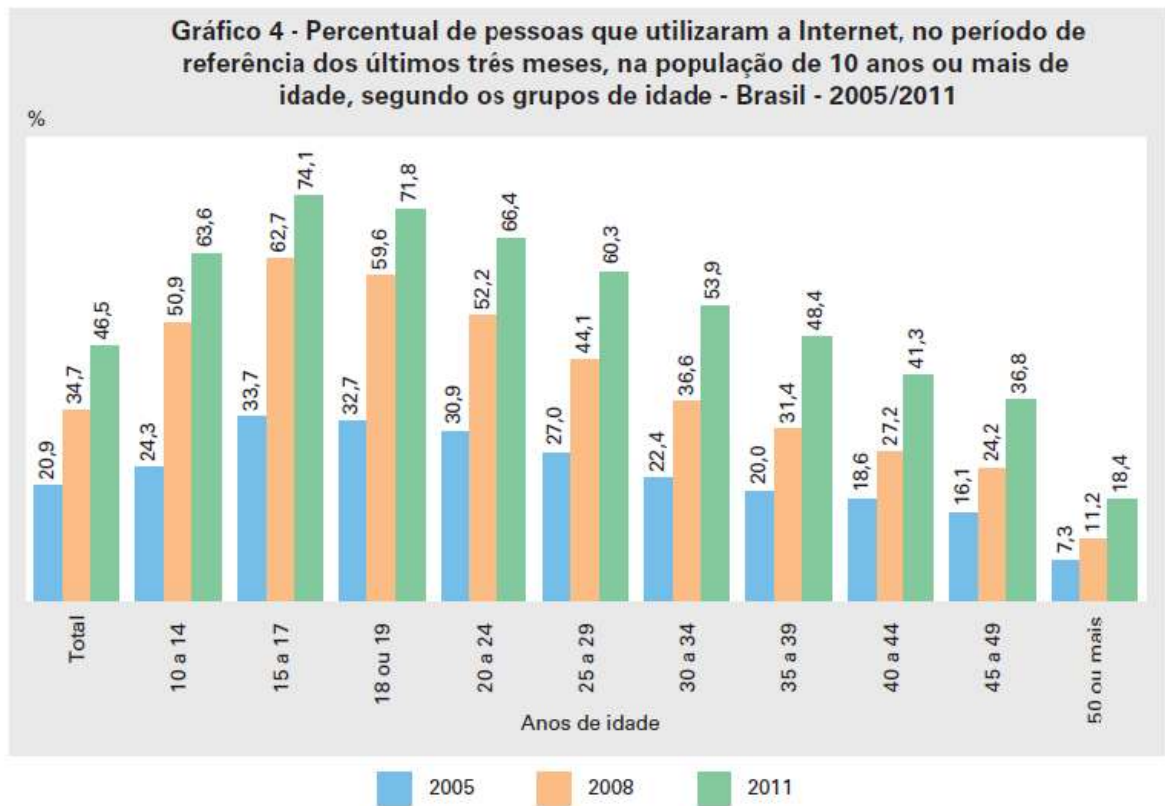
Reitero essa forma de pensar através dos dados obtidos no Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010, apresentados pelo Portal do Envelhecimento<sup>2</sup>. Atualmente, a maior parcela da nossa população está localizada entre os adolescentes e adultos jovens. Daqui 40 anos, essa população estará dentro da faixa considerada idosa. No ano de 2000, a população idosa no Brasil representava 14,5 milhões de pessoas, 8% da população. No ano de 2010, contava-se com 18 milhões de pessoas com idade acima de 60 anos, representando 12% da população brasileira.

Outras pesquisas recentes, divulgadas na internet e pelo site do Sindicato dos Psicólogos<sup>3</sup>, mostram as configurações desse novo contexto social, as modificações ocorridas no acesso a internet por pessoas com mais de 50 anos, que em 2005 representava apenas 7,7% desse grupo e em 2011 um percentual de 18,4%.

---

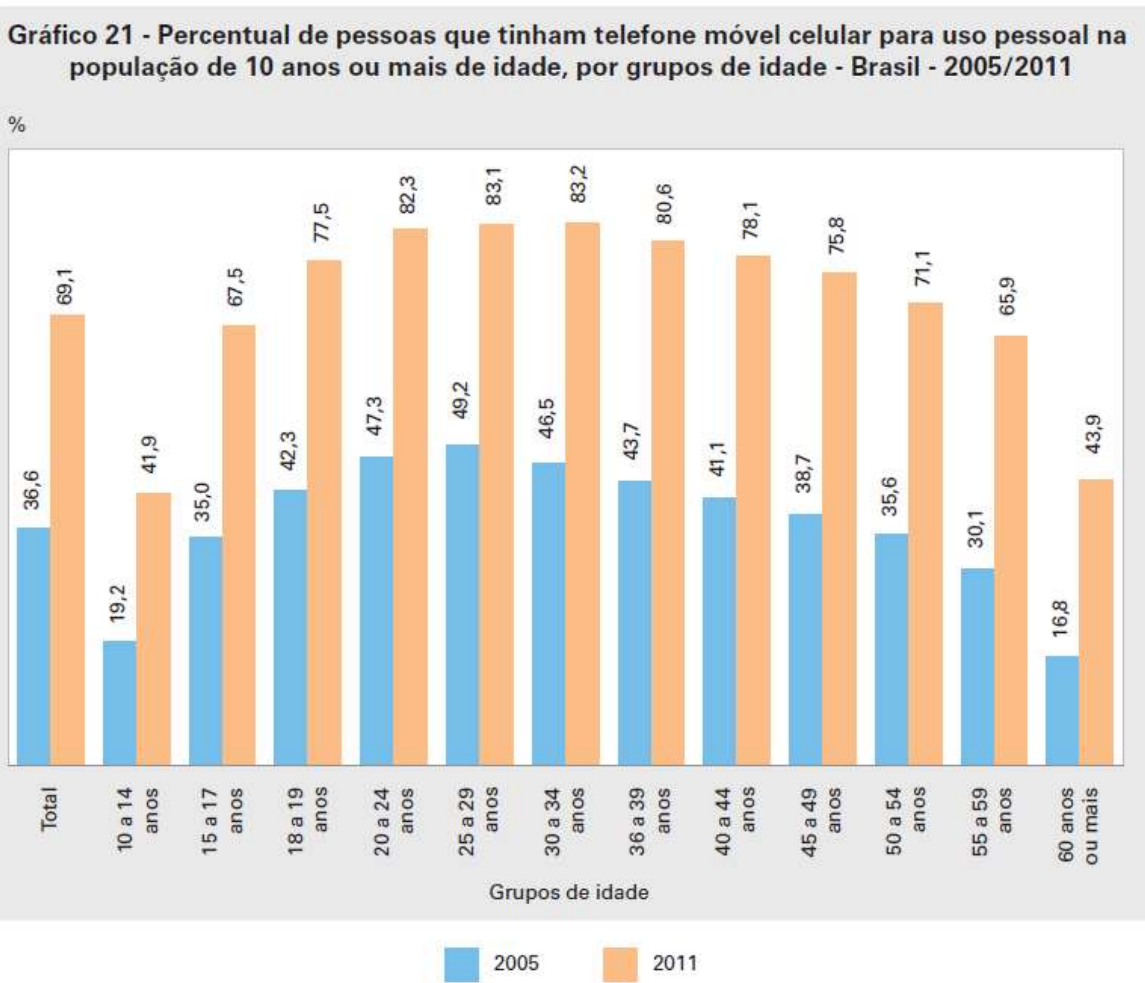
<sup>2</sup> O Portal do Envelhecimento teve origem no interesse de alunos e professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia e do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (Nepe), da PUC-SP, que perceberem a necessidade da integração em torno do processo de envelhecimento e da longevidade. O portal nasce como uma oportunidade de oferecer a comunidade em geral, mecanismos qualificados das mais variadas formas sobre o envelhecimento no país. Informações sobre a origem, o portal, a missão, propósitos, usuários/mentores, princípios e visão de futuro do Portal do Envelhecimento, estão disponíveis em: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/conheca/conheca.htm>.

<sup>3</sup> Informação retirada do Boletim Informativo, enviado pelo SinPsi, no dia 30 de maio de 2013. Disponível em: <http://www.sinpsi.org/noticias.php?id=2695>



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2011.

Considerando o crescimento da população com mais idade, a maior acessibilidade das TIC às várias camadas da população, pela popularização dos preços, o uso dessa tecnologia tem sido crescente entre os idosos, apesar de ser um número bem menor se comparado aos dos jovens que utilizam esse recurso, conforme os dados do PNAD (IBGE), o que tem se tornado cada vez mais alvo de estudos para compreender como se dão essas relações e os efeitos decorrentes desse cenário.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2011.

Gráficos retirados do site do IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), referente ao Acesso à Internet e Posse de Telefone Móvel para Uso Pessoal em 2011.

Com isso, cria-se um novo cenário, com novas demandas, necessidades e personagens que influenciam nessas mudanças e são influenciados por elas. E é pensando, especificamente, na população brasileira que surgiu a curiosidade deste tema de pesquisa. Com o desenvolvimento das tecnologias, sua maior divulgação e propagação entre as várias classes etárias, econômicas e sociais, tornando-se

recursos "naturalizáveis" no decorrer do tempo (NICOLACI-DA-COSTA, 2006), como essa população que envelhece, e sobrevive cada vez mais, está lidando com essa "naturalização" de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) no seu dia a dia? Aparece entre as pessoas idosas uma necessidade de inclusão, a partir desse movimento social do uso das TIC? A família influencia e demanda desse idoso o uso dessas tecnologias como forma de se relacionar e comunicar?

Estamos vivendo um período de transformações, no qual existem comunidades virtuais e vários outros meios de ser e estar que estão além do conhecimento e uso de boa parcela dessa população já idosa. Galano (2011), traz uma referência ao nascimento da "terceira idade", como uma classe de idosos que exigem direitos diferenciados e cuidados especiais. E logo em seguida, aborda o surgimento de uma nova categoria de excluídos:

*"Os informatizados versus os **infopobres** são aqueles que não têm acesso à tecnologia, os analfabetos tecnológicos, que, seja pela idade ou pelas condições socioeconômicas, têm dificuldade de utilizar novas tecnologias" (GALANO, 2011, p. 144)*

A partir daí, podemos pensar num grande problema e sofrimento que surgem através dessas transformações: como os idosos, que fazem parte dessa sociedade informatizada, fazem para se manter inseridos nos meios sociais e familiares? Como eles fazem para se adaptar à essas transformações de uma sociedade na qual os excluem por exigir agilidade, produtividade e consumo? Como esse idoso sente e lida com essa exclusão digital? Ela acontece apenas pela influência e/ou exigência da sociedade ou também pela necessidade da família? Como o idoso faz para ter

acesso aos familiares que estão distantes, devido as exigências sociais de velocidade e individualidade? Estas e muitas outras, são questões das quais busco respostas para atender e compreender uma população que cresce cada vez mais nesse meio digital e informatizado. E, é falando dessa relação entre TIC e envelhecimento, que se faz necessário falar de família e comunicação.

O idoso já passou por diversas etapas do ciclo vital, dentre elas, constituir família, e esta não pode estar dissociada ao próprio ciclo vital do ser humano. Apesar da dificuldade de se nomear o que é família atualmente, devido as várias transformações sociais, culturais e econômicas, as várias possibilidades de ser e estar nela e, por considerá-la um "sistema vivo", Carter e McGoldrick (1995), Relvas (2000) e entre outros autores estudiosos dos sistemas familiares, apontam várias questões sobre o funcionamento e o ciclo vital familiar, com suas particularidades e complexidades, portanto, uso a seguinte definição:

*"família como um sistema de relações que opera de acordo com certos princípios básicos e que evolui no seu desenvolvimento, de um modo particular e complexo determinado por inúmeros fatores [...]. A autonomia e a individualidade não podem ser reconhecidas separadas de um sistema plurigeracional onde o indivíduo é ao mesmo tempo uma parte e um todo de um sistema maior que por sua vez pertence a sistemas maiores, num processo contínuo de comunicação e integração"*  
(CERVENY, 2002, p.17)

Esta mesma autora, através de um grande estudo com as famílias paulistas de classe média, chegou em 4 fases do ciclo vital da família: a família em fase de aquisição; a família adolescente; a família em fase madura e a família em fase última

(CERVENY, 1997). Dentro dessas fases, enfocarei as características das famílias em fase madura e última, pelo qual, suponho ser as fases em que se encontram os idosos mencionados no decorrer desse projeto.

## 2. A COMUNICAÇÃO COMO FORMA DE RELAÇÃO

A partir, das colocações acima, falar de comunicação torna-se imprescindível, pois é esta que permeia todas as relações humanas. Trago como referência os estudos de Cervený (2004), que de maneira global aborda vários aspectos da comunicação e seus teóricos.

No livro "Família e..." de 2004, Cervený desenvolve um capítulo contando um pouco da sua história acadêmica vinculada aos estudos da comunicação. Seu ponto de partida se dá em 1948 com Nobeert Wiener, que desenvolveu um esquema de comunicação para otimizar lançamentos de bombas para o exército americano. Em seguida, fala sobre a mudança no esquema comunicacional feito por Shannon em 1949 até chegar em 1960, apresentando um outro esquema, proposto por Jakobson. E, é a partir da junção desses três esquemas, que a autora diante da sua experiência acadêmica, apresenta uma nova configuração no esquema comunicacional:

*"Para mim, um emissor (E) envia uma mensagem (M) a um receptor (R) por meio de um canal (C), havendo um feedback (FB). Quando essa mensagem vai do E para o R, ocorrem os obstáculos no nível do emissor (OE) que são constituídos por seus valores, julgamentos, crenças, experiências anteriores, estado emocional, etc., que fazem com que a M transmitida seja diferente da que se pretendia transmitir. Quando R recebe M, esta passa pelos obstáculos no nível do receptor (OR) que fazem com que ela também seja recebida de maneira particular (Cervený, 1980)". (CERVENÝ, 2004, p. 16)*

A autora ainda ressalta a importância de se considerar o contexto e a relação entre o emissor e o receptor, para entender a comunicação que se dá a partir disso.

Apresenta alguns obstáculos que aparecem como ruído entre as comunicações, entre eles, um exemplo é, ouvimos o que queremos ouvir e nem sempre o que realmente nos foi dito. Em seguida, coloca formas como esses obstáculos podem ser diminuídos, por exemplo, através do uso de feedbacks, identificando os nossos preconceitos, entre outros.

Logo depois, retoma em 1951 falando de Ruesch e Bateson, que de maneira psicoterapêutica, voltam os seus olhares para a comunicação como a matriz de todas as atividades humanas, seja com objetos ou pessoas. Daí, surge a pergunta de "o que não seria comunicação" e a resposta é encontrada no livro *A Pragmática da Comunicação Humana* de Watzlawick, Beavin e Jackson, em 1967, com os 5 axiomas da comunicação, especificamente no primeiro: "não se pode não comunicar".

A partir daí, a autora apresenta os 5 axiomas da comunicação, elucidando maneiras de identificá-los no dia a dia. E de maneira breve, cito-os:

- Primeiro Axioma: não se pode não comunicar;
- Segundo Axioma: toda comunicação tem um aspecto de conteúdo e outro de relação. A relação classifica a comunicação;
- Terceiro Axioma: a natureza da relação está na sequência de eventos entre os comunicantes;

- Quarto Axioma: os indivíduos se comunicam de maneira digital (verbal) e analógica (não verbal);
- Quinto Axioma: todas as permutas comunicacionais são simétricas ou complementares, segundo se baseiam na igualdade ou na diferença. (Cervený, 2004)

Por fim, a autora fala da importância da comunicação no âmbito da terapia familiar e refere as contribuições de Tom Andersen. E para ilustrar a importância de se pensar a comunicação neste trabalho, apresento o seguinte trecho:

*"Andersen acredita que as palavras não só informam, mas formam os significados que influem na nossa maneira de viver e perceber o mundo, e, nesse sentido, a linguagem é algo muito pessoal. Para ele, ao falarmos, também nos ouvimos, e as palavras tocam-nos física e emocionalmente, e, sendo assim, as palavras não são inocentes." (CERVENÝ, 2004, p. 23)*

Portanto, imaginar que noutros tempos a comunicação se dava de várias maneiras, seja pessoalmente - verbal ou não verbalmente, por carta - de maneira escrita ou desenhada, por telefone - verbalmente e com todos os aspectos de tonalidade de voz, e o quanto isso muda e surgem novas formas de se comunicar, as digitais por meios eletrônicos: celular, computador - com a internet, Skype, Facebook, entre outros. E assim, cria-se novas maneiras de significar as relações, de compreender e transmitir as palavras e suas várias linguagens, seja pelo ligar, curtir ou compartilhar.

## 2.1. AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E OS IDOSOS

Em 1999, no livro "História da Vida Privada - da primeira guerra a nossos dias", alguns autores já apontavam os benefícios que o celular traria aos seus usuários:

*"Ele permite atender às exigências da urgência. [...] Ele protege a vida privada ao permitir que se telefone sem ser ouvido pela família ou colegas de quem se queira eventualmente ocultar algum assunto. Segundo a feliz expressão do professor Michel Maffesoli, o usuário do celular é um '**Homo mobilis**, um solitário não isolado'. Com efeito, em caso de perigo ou angústia ele pode imediatamente contatar a família ou um amigo." (VINCENT, 2009, p. 571)*

Vincent (2009) também faz apontamentos em relação ao uso da internet, como a possibilidade de acessar informações das mais variadas configurações (vídeo, áudio, texto, imagem), sem ter que sair de casa ou ir buscar a informação numa biblioteca; a vantagem de enviar mensagens por e-mail e receber resposta quase que instantaneamente, diferente do tempo gasto pelo sistema de correio, que levaria alguns dias para enviar e responder uma mensagem; ter um site pessoal, do qual se pode editar informações sobre si; comprar produtos pela internet, através do uso do cartão de crédito e dentre as demais vantagens, a possibilidade de falar com pessoas em qualquer lugar do mundo, favorecendo a ampliação dos círculos sociais do usuário.

Kachar (2009), em suas pesquisas sobre a população idosa e o uso dos computadores, apresenta alguns dos benefícios que o idoso tem nessa relação com as TIC, como o aprendizado contínuo; o estabelecimento de novas relações; a autonomia na comunicação; o acesso a informações diversificadas como receitas, direitos dos idosos, opções de lazer, produções literárias, as últimas notícias das coisas que acontecem mundialmente, entre outras.

Além disso, o benefício físico que os idosos podem obter com o uso dos computadores, apesar das dificuldades encontradas no início com o manuseio e o reconhecimento dos equipamentos e sua funcionalidade.

*"Na navegação na rede, por meio da leitura e seleção das informações, e na escrita de e-mails, entre outras atividades, a pessoa estimula a memória, recomendável para a prevenção de perdas cognitivas e manutenção de uma mente saudável. Adquire maior desenvoltura para lidar com outros equipamentos eletrônicos e digitais, como máquinas de banco e celulares, e reconquista a confiança em sua capacidade de aprender." (KACHAR, 2009, p. 21)*

Outra questão que aponto como benefício é colocada por autores como Walsh (1995), Debert (2004) que apresentam em seus textos o conceito de **"intimidade a distância"**, tratando das novas configurações familiares que são permeadas pela mobilidade das comunicações:

*"Outros estudos sugerem a tendência de os idosos morarem sós não tem de ser, necessariamente, percebida como reflexo de um abandono por parte de seus familiares. Ela pode significar um novo tipo de arranjo, uma nova forma de família extensa, na qual a troca e a assistência ocorrem de maneira intensa (Cohler, 1983). Para Rosenmayr e Koeckeis (1963), trata-se de uma 'intimidade à distância'. Esse novo tipo de relação, facilitado pelo aumento da mobilidade e pelo aperfeiçoamento das formas de comunicação à distância, que beneficiaram as diferentes classes*

*sociais, não implicaria uma mudança qualitativa nas relações entre as gerações na família."(DEBERT, 2004, p. 83)*

Esse conceito de **intimidade a distância** se mostra como uma construção contemporânea que é afetado e afeta as relações como um todo, seja no grupo de amigos, no grupo social ou no grupo familiar. O se relacionar com o outro estando ausente, mas presente de maneira digital aponta uma nova forma de compreender e significar a relação dos idosos com os outros, consigo e com as TIC.

Com essas configurações e relações entre os idosos e a TIC, aprender a usá-las apresenta-se até como um movimento social, no qual se tem criado programas sociais para fazer com que o idoso aprenda a usar e interagir mais com essas tecnologias. Outros países como Espanha e Cuba apresentam programas para que os idosos aprendam a usar o computador e assim se beneficie social e fisicamente com os recursos disponibilizados. Já na Holanda e Finlândia, há intervenções pelo Estado, para que aumente o uso dos computadores pelos idosos, exatamente pelos benefícios físicos, sociais e aumento de rede que trazem a população idosa (KACHAR, 2009, 2006).

Seria inocência de minha parte se apontasse apenas os benefícios proporcionados aos idosos com o uso das TIC e não me referisse também as dificuldades e movimentos excludentes encontrados nesta relação.

Numa de suas publicações, Kachar (2009) ao falar dos seus trabalhos com idosos envolvendo o uso do computador, chegou nas seguintes reclamações:

*"As queixas apontadas pelos idosos na interação com o computador são de ordem operacional: o manuseio do mouse, a coordenação visiomotora no deslocamento do cursor; e de natureza estética: a quantidade de informações que se apresentam na tela do computador." (KACHAR, 2006, p. 295)*

Encontrei na literatura informações exatamente ligadas as necessidades que existem hoje de se fazer equipamentos e softwares que atendam as restrições que a idade imprime as pessoas, como a perda de audição, diminuição da visão, dificuldades no manuseio dos equipamentos. Alternativas já têm sido apresentadas no mercado consumidor das TIC, como softwares de acessibilidade. Por exemplo, existe um programa que lê para o usuário qualquer texto que ele selecione, caso essa pessoa tenha limitações visuais. Esse aplicativo pode ser usando tanto no celular quanto no computador.

Dificuldades motoras e de conhecimento de operacionalizar os equipamentos são rotineiras até por causa do processo de aprendizagem de algo novo, porém outras dificuldades são encontradas por esses idosos que sofrem preconceito tanto por parte da geração mais nova quanto da sua própria geração, por dois aspectos: primeiro por considerar que o uso do computador e seus recursos está associado a juventude e a cultura jovem; segundo porque os próprios idosos apresentam uma resistência em usar essas tecnologias pelas seguintes questões de autoimagem: não se veem mais em relação com esse universo tecnológico, por não se considerar

mais a possibilidade de aprender, por não achar que é mais o seu tempo e por achar que as tecnologias são para os jovens. (KACHAR, 2006)

E foram essas questões apresentadas que busquei apreender através desta pesquisa.

### **3. MÉTODO**

Esta monografia caracterizou-se como uma pesquisa qualitativa, de orientação sistêmica, com delineamento de estudo de casos. Portanto, a ideia não foi fazer um estudo em larga escala, pois não se teve por objetivo criar parâmetros, teorias, mensurar comportamentos, buscar verdades absolutas ou objetividades, mas sim, compreender como se dá a relação entre dois grandes fenômenos contemporâneos: a longevidade e os sofisticados recursos tecnológicos de comunicação.

A pesquisa de orientação sistêmica concebe o pesquisador em relação com o participante da pesquisa, na qual ambos fazem parte daquele sistema, e participam na construção dialógica do significado do fenômeno pesquisado.

#### **3.1 PARTICIPANTES**

Por se tratar de estudo de caso coletivo, foram entrevistadas 3 pessoas, de 60 à 72 anos, mulheres, de classe média<sup>4</sup>, que residiam no Estado de São Paulo, e tinham acesso às tecnologias de Informação e Comunicação e faziam uso das mesma.

---

<sup>4</sup> Classes sociais do Brasil conforme classificação do IBGE referente ao salário mínimo vigente em 2013: Classe A - Renda familiar: acima de R\$13.560; Classe B - Renda familiar: de R\$6.780 à R\$13.560; Classe C - Renda familiar: de R\$2.712 à R\$6.780; Classe D - Renda familiar: de 1.356 à 2.712; Classe E - Renda familiar: de R\$0 à R\$1.356. Fonte: Faixas salariais x classe social - Qual a sua classe social? Disponível em: <http://blog.thiagorodrigo.com.br/index.php/faixas-salariais-classe-social-abep-ibge?blog=5>

**3.1.2 TABELA 1: DADOS DEMOGRÁFICOS E SÓCIOECONÔMICO DAS PARTICIPANTES ENTREVISTADAS**

	<b>PARTICIPANTE 1</b>	<b>PARTICIPANTE 2</b>	<b>PARTICIPANTE 3</b>
<b>IDADE</b>	71 ANOS	72 ANOS	60 ANOS
<b>ESCOLARIDADE</b>	SUPERIOR	ENSINO MÉDIO TÉCNICO	SUPERIOR
<b>ESTADO CIVIL</b>	CASADA	VIÚVA	CASADA
<b>FILHOS</b>	UM CASAL	UM CASAL	UM CASAL
<b>NETOS</b>	1 NETA	5 NETOS	2 NETOS
<b>MORA</b>	COM MARIDO E FILHA	SOZINHA	COM MARIDO
<b>FONTE DE RENDA</b>	APOSENTADORIA + RENDA DE ALUGUÉIS	PENSÃO + VENDAS DE ALMOFADAS TERAPÊUTICAS	APOSENTADORIA E SALÁRIO DO MARIDO + RENDA DE AUTÔNOMA
<b>TRABALHOU</b>	SIM	SIM	SIM
<b>TRABALHA ATUALMENTE</b>	NÃO	NÃO	SIM

## 3.2 INSTRUMENTOS

Foram aplicados questionários<sup>5</sup> de coleta de informações de identificação das participantes, como: nome, idade, sexo, estado civil, escolaridade, profissão, nível sócio econômico, situação de moradia (sozinho, acompanhado por cônjuge ou familiares), quantidade de filhos e netos.

Considerando o aspecto qualitativo, em seguida, utilizei entrevistas semi estruturadas<sup>6</sup>, que permitiram uma interação e comunicação entre as participantes e eu. Como afirma Minayo, as entrevistas são fontes de informação

*“que tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia e a que os cientistas sociais costumam denominar ‘subjetivos’ e só podem ser conseguidos com a contribuição da pessoa. Constituem uma representação da realidade: idéias, crenças, maneira de pensar, opiniões, sentimentos, maneiras de sentir, maneiras de atuar, condutas, projeções para o futuro, razões conscientes ou inconscientes de determinadas atitudes e comportamentos”. (MINAYO, 2006, p. 262.).*

Para a análise, fiz uso do método Fenomenológico Hermenêutico, que me permitiu uma maior compreensão daquilo que não foi dado imediatamente pelo fenômeno pesquisado. O uso deste método não foi para obter padronizações, todavia apreender o sentido existencial do *ser no mundo*, o idoso e os meios de comunicação digital. Para isso, as entrevistas semi estruturadas permitiram um espaço de caráter descritivo exploratório deste fenômeno.

---

<sup>5</sup> Em anexo o modelo do questionário de identificação.

<sup>6</sup> Em anexo o modelo da entrevista semi estruturada.

Através das entrevistas, foram colhidas informações que possibilitaram fazer uma análise do conteúdo, permitindo que os fenômenos abordados surgissem para **revelação**. Segundo Critelli (2006), para que os fenômenos cheguem em sua plena existência é preciso que eles se tornem reais e esse processo se deu pelos seguintes passos: o **Desvelamento**, quando é tirado do ocultamento por alguém, e isso ocorre quando percebemos, voltamos o nosso olhar para esse fenômeno social, fazendo-o presente em nossa realidade; a **Revelação**, desocultado, esse algo é acolhido e expresso através da linguagem, e o **Testemunho**, em que languageado é visto e ouvido pelos outros, o que se deu através da aplicação das entrevistas, no qual pude entrar em contato com esse fenômeno, observá-lo e fazer parte do mesmo, possibilitando que ele fosse visto, ouvido e languageado pelas participantes e por mim.

Utilizei a conceituação de Minayo (2006) para a análise dos registros. Através da decomposição do conjunto de mensagens, cheguei em unidades de conteúdo, e posteriormente, elaborei análise de contexto, possibilitando uma referência mais ampla da apreensão do fenômeno no contexto em que fazem parte as mensagens, ou seja, pela relevância dos temas, pela frequência em que apareciam, pelas contradições, conflitos ou emoções contidas no discurso das participantes e até mesmo pela importância do sentido que empreguei aos dados obtidos. E por fim, foram criados os núcleos de sentido, no qual pude agrupar as significações e os sentidos dados por essas participantes e por mim, atribuídos às vivências e as questões por elas articuladas.

### 3.3 PROCEDIMENTO

Por se tratar de um estudo de caso coletivo, a amostra de participantes se deu por conveniência. Foi divulgado por e-mail e verbalmente entre os meus meios sociais de convívio a proposta da pesquisa, para ver se alguém tinha interesse ou algum conhecido que se aproximasse do perfil procurado: idosos, de 60 à 75 anos e que utilizasse TIC e além disso, tivesse o interesse em participar da mesma fornecendo uma entrevista.

Nas duas semanas seguintes à divulgação, recebi um telefonema de uma conhecida avisando-me que sua mãe havia se interessado pela pesquisa e gostaria de participar. Também recebi um e-mail de uma colega da área profissional, que se interessou pelo projeto de pesquisa e se ofereceu para conceder a entrevista e a indicação verbal de uma vizinha, recomendando a vizinha de sua mãe. Na mesma semana entrei em contato com todas elas e agendei as entrevistas individuais conforme o desejo e a disponibilidade de cada uma.

As participantes nomeadas como Meire e Vilma escolheram ser entrevistadas em suas casas, por aspectos de conveniência. Já a participante nomeada como Miranda <sup>7</sup>, preferiu ser entrevistada no seu consultório, local de trabalho. Pessoalmente com cada participante foram esclarecidos os objetivos da pesquisa,

---

<sup>7</sup> Para preservação de identidade e por aspectos éticos, os nomes reais das participantes foram alterados por nomes fictícios.

lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido<sup>8</sup>, no qual obtive por escrito a anuência da participação de cada entrevistada. Em seguida, individualmente, apliquei o questionário de identificação e fiz as entrevistas semi estruturadas, preservando assim, o espaço e a intimidade de cada participante, para não expô-las.

As entrevistas tiveram a duração média de 35 minutos cada uma. Estas foram gravadas em MP3 e posteriormente transcritas para o Word, para tabulação e análise dos dados obtidos em cada entrevista.

---

<sup>8</sup> Serão tomados todos os cuidados éticos segundo a Resolução 196/96, conforme descritos no TCLE.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. TABELA 2: CARACTERIZAÇÃO DO ACESSO E USO DOS TIC PELAS PARTICIPANTES ENTREVISTADAS

RECURSOS QUE TEM ACESSO	PARTICIPANTE 1	PARTICIPANTE 2	PARTICIPANTE 3
TEVÊ	SIM	SIM	SIM
TELEFONE FIXO	SIM	SIM	SIM
CELULAR/SMARTPHONE	SIM	SIM	SIM
COMPUTADOR	SIM	SIM	SIM
TABLET	NÃO	NÃO	NÃO
INTERNET	SIM	SIM	SIM
RECURSOS QUE USA	PARTICIPANTE 1	PARTICIPANTE 2	PARTICIPANTE 3
TEVÊ	SIM	SIM	SIM
TELEFONE FIXO	SIM	SIM	SIM
CELULAR/SMARTPHONE	SIM	SIM	SIM
COMPUTADOR	SIM	SIM	SIM
TABLET	NÃO	NÃO	NÃO
INTERNET	SIM	SIM	SIM
FACEBOOK	NÃO	SIM	SIM
E-MAIL	SIM	NÃO	SIM
BLOG	NÃO	SIM	SIM
SKYPE/GTALK/MESSENGER	SKYPE	NÃO	TODOS

Conforme os dados acima, pode perceber que as três participantes fazem uso constante das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), seja para obter informações através da internet, sanar uma curiosidade, se comunicar com amigos e parentes, seja por e-mail, Facebook<sup>9</sup> ou uma ligação por celular, para divulgar seu trabalho ou simplesmente para se distrair.

Um dado que me pareceu interessante, foi o não uso do Tablet<sup>10</sup> por todas as participantes. Creio que isso ocorra devido ser uma das mais novas TIC lançadas no mercado consumidor e de entretenimento, ainda sendo necessário um período de adaptação e acomodação com essa nova tecnologia.

A partir, dessas informações e das leituras e releituras das entrevistas, criei os seguintes núcleos de sentido: **"Adicionando possibilidades"**, para tratar dos benefícios advindos dos TIC no dia a dia das participantes e os significados atribuídos ao seu uso; **"Usar. Como usar? Eis mais uma questão"**, núcleo que aborda as dificuldades encontradas pelas participantes no uso das TIC e como elas lidam com essa questão, e por fim, **"A influência como pressão: necessidade e adaptação"**, que trata da influência que as participantes sofrem do meio familiar e social para estar inseridas, presentes e vivas no cenário contemporâneo.

---

<sup>9</sup> Facebook é um site e serviço de rede social, criado por Mark Zuckerberge e seus colegas de faculdade. Para mais informações sobre o significado de Facebook, acessar: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>.

<sup>10</sup> Tablet pode ser definido como um tipo de computador portátil, com tela touchscreen, ou seja, sensível ao toque, de tamanho pequeno e de fina espessura. Dispensa uso de mouse e teclado e pode ser usado para fins de entretenimento, comunicação e até de trabalho. Outras informações sobre o que é um Tablet podem ser encontradas em sites de busca, inserindo as palavras-chave: definição de tablet.

No núcleo ***Adicionando possibilidades*** foi condensado os significados encontrados para o uso das TIC, seus benefícios e em quais momentos elas se fazem mais viáveis.

Pude ver esses benefícios apontados nos aspectos práticos e de facilidade de comunicação. Os discursos das participantes mostraram que o celular, muitas das vezes, serve para momentos de emergência, no qual estando fora de casa, longe de outros meios de comunicação, o celular se mostra como uma ferramenta mais eficiente para comunicar necessidades ou pedidos. O relato abaixo ilustra como o celular é visto por uma das participantes:

*"- (...) o celular é muito bom. Acho que ele é bom assim para uma emergência. Agora eu não fico dia e noite com o celular na orelha, que tem gente aliás, tem muitos jovens que fazem isso, o dia inteiro com o celular na orelha, então eu gosto assim do celular, quando eu saio de casa, quando eu saio sozinha, de repente quebra um carro você precisa de um socorro, então eu gosto assim, porque ele dá um certo apoio de segurança, né? Mas não fico também batendo papo, o dia inteiro assim não dá, não consigo, isso não dá...." (Meire, 71 anos)*

Vilma, quando perguntada sobre qual significado tem usar o celular entre o grupo de amigos ou parentes, traz a questão referente a privacidade, do poder falar com o outro de maneira mais reservada:

*"- Ai... eu acho que... bom... determinadas situações é melhor você usar o celular que é uma coisa mais discreta, né? Que o celular você pode pegar, ir para um*

*cantinho, conversar com as pessoas sem que outras ouçam. Eu acho assim, que o celular é útil nisso. Então, para determinadas conversas, não importa quem seja a pessoa, o celular é útil tanto para mim como para os meus amigos, minhas amigas, entende? Nesse sentido. (...) É! Você tem uma... é mais particular. Entende? Porque se você vai atender um telefone com as pessoas... querendo ou não, por mais educada que a pessoa seja, uma coisa ou outra ela ouve, então tem coisa que não dá! Então você pega, pede licença e vai para o cantinho, conversa a vontade, fala o que você tem que falar claramente, entende?!" (Vilma, 72 anos)*

Miranda ao falar do significado do seu uso do celular pela família, com uma frase curta, mas bem assertiva, aponta uma questão apresentada por mim anteriormente nesta pesquisa, quando referenciei Vincent (2009) citando Maffesoli na proposição do estar solitário, mas não isolado:

*"- Estar junto! Estar perto!!! (risos)" (Miranda, 60 anos)*

Ao perguntar como foi usar o celular pela primeira vez, Miranda apontou uma das características das TIC na contemporaneidade, que é a mobilidade, mostrando esse recurso como um ganho no seu dia a dia:

*"- Foi mais natural. E muito confortável, eu diria. Descobri que eu não precisava estar presa a um fio (risos)." (Miranda, 60 anos)*

Compreendi, a partir, desses discursos, que o celular faz parte do dia dessas participantes como uma ferramenta auxiliar às necessidades que se apresentam, como um recurso alternativo para atender suas demandas, seja por mobilidade, privacidade ou comunicação em situações de risco. Percebi durante as entrevistas, que o uso dessa tecnologia não teve um impacto negativo por essas participantes, como visto anteriormente sobre os estudos divulgados por Nicolaci-da-Costa (2006), ao dizer que a telefonia celular é encarada como uma extensão da telefonia fixa, sem causar grandes impactos para sua aceitação entre a população de mais idade.

Colocado os aspectos positivos encontrados no uso do celular, trago agora as compreensões apreendidas sobre o uso do computador, principalmente da internet e seus aplicativos de comunicação, como por exemplo, o e-mail e o Facebook. Durante as entrevistas apareceram vários discursos positivos relacionados ao uso da internet e seus benefícios, assim como negativos, porém, nesse núcleo de sentido, aponto apenas os aspectos benéficos do uso.

Ao perguntar para as entrevistadas o que elas mais gostavam no computador, houve uma variedade de respostas, todavia, todas enfatizando as vantagens da comunicação e ao acesso rápido para obter informações.

*"- Ah, eu gosto da internet, a internet!! Ah, eu sou vidrada na internet, eu acho uma maravilha!" (Meire, 71 anos)*

A participante Meire, de 71 anos, contou durante a entrevista, que a internet apareceu em sua vida como uma forma alternativa de lidar com a aposentadoria sem perder os laços com os amigos do campo profissional e uma forma de entretenimento. Esse processo de manter relação com os amigos, surgiu com a criação de um grupo para investimentos financeiros, sendo que, o controle das informações das ações e investimentos e a comunicação do grupo se daria pela internet. E através dessa ideia vinda do grupo, foi que a participante começou a aprender a usar a internet e ter mais interesse em usar o computador:

*"- Então, eu uso essa para investir, e para conhecer! Para quando eu sinto vontade assim de conhecer algum lugar ou um tema que me interessa, ai eu pesquiso, ai eu fico muito tempo pesquisando... se bem que não é como um livro técnico, né? Tem muita bobagem tudo, mas é... tem muita coisa interessante também". (Meire, 71 anos)*

E também refere ao contato que depois da internet estabeleceu com outras pessoas, além da proposta inicial, do grupo de amigos aposentados:

*" - Ah sim, isso sim, com vários amigos, de várias atividades, não só essas minhas colegas que aposentaram né, mas outras também". (Meire, 71 anos)*

O uso da internet aparece assim, como uma praticidade, facilidade e possibilidade de acessar informações variadas, sobre lazer, cultura, conhecimentos

gerais, investimentos, saúde e manter relações com familiares, amigos e colegas de trabalho em qualquer lugar do mundo, favorecendo a ampliação dos círculos sociais das participantes.

[Praticidade] " - *Significa.... entre um grupo de amigos usar a internet.... ah, uma facilidade de comunicação também, né! É muito fácil! Você dá um e-mail, um e-mail e pummm vem tudo na tua mão, muito fácil, acho que é facilidade, viu?" (Meire, 71 anos)*

[Rede - acesso a informação rápida] " - *Ahhh, a facilidade que eu tenho de falar com meus amigos. Ter, ah... deixa eu ver... Falar com meus amigos, aumentar minha cultura... ah, ter acesso a informações médicas. Ah... várias outras coisas. Que mais? Receitas. Ah, no geral, em tudo." (Vilma, 72 anos)*

" - *É me comunicar... instantaneamente, né... e especialmente adquirir conhecimentos, pesquisas, né! Conhecer inclusive o universo, né, conhecer tudo o que tem, né! Que sem ele eu não conheceria." (Miranda, 60 anos)*

Aparece entre as participantes algumas divergências quanto ao uso de aplicativos de comunicação, como o Facebook, ao considerá-lo como uma ferramenta de exposição da vida privada. Meire, apesar de não utilizar o Facebook como uma ferramenta de comunicação, por achá-la inconveniente devido a

exposição de sua particularidade, aproveita dos recursos que a internet oferecem das mais variadas formas, como os sites de busca.

*" - Não, não vejo nada mais inconveniente... e acho que deve ser usado sim todos os recursos, deve ser usados! Inclusive espionagem internacional, tá ai é para usar. (...)Tá ai é para usar!!! Agora o negócio é você se defender, outro se defender, você não sabe que ele vai usar? Qual é o problema de usar? Eu vou xeretar! Agora se você, é a tal história se você não quer tua vida particular devassada se previna, se cuide, agora achar ruim, brigar, e não tomar uma decisão diplomática, não atuar de uma forma diplomática, brigar, como está fazendo a nossa querida Presidenta, então não dá! Não dá, aí já não dá. Eu acho que tem que usar sim." (Meire, 71 anos)*

As demais participantes acham o Facebook um veículo necessário e útil para comunicação entre amigos e parentes e até a possibilidade de se reencontrar familiares que não se tinha mais contato devido ao tempo e a distância. Essa forma de comunicação tem-se mostrado uma alternativa para a família de se fazer presente com os membros idosos mesmo fisicamente ausentes. O comunicar-se via TIC se apresenta como uma nova forma de cuidado emocional com o idoso, preservando os laços familiares e respeitando as distâncias estabelecidas decorrentes das escolhas dos subsistemas familiares - sejam os pais, filhos ou netos - já que a distância, a individualidade e a rapidez tem sido características marcantes no nosso cenário contemporâneo.

Apresento aqui, através de algumas falas das participantes, como fenômeno **"intimidade a distância"** pode ser por mim apreendido:

*" - Sim, sem dúvida! É... eu tenho o meu neto, minha neta e a gente se comunica, se cumprimenta e com todas essas gerações. É, recentemente eu vi uma foto minha, eu pequena, e a minha madrinha que eu nem sequer sabia que vivia ainda. Está com noventa e dois anos e, a partir disso, nós fizemos um primeiro encontro da família, ela esteve presente e foi lindo, maravilhoso. Eu levei presente para ela e ela me deu presente. Então, eu nem sequer imaginava que ela ainda vivia, pela distância e por essa ausência de comunicação que existia antes desses recursos, né? (Miranda, 60 anos)*

*" - Nossa!!! Uma distração, uma alegria, um passatempo... Uma informação. Tudo! Estar atualizada com tudo e com todos." (Vilma, 72 anos)*

Outro ponto que se mostrou relevante para mim através do discurso das participantes e foi o benefício físico que os idosos podem obter com o uso dos computadores, apesar das dificuldades encontradas no início com o manuseio e o reconhecimento dos equipamentos e sua funcionalidade.

Vilma depois de falar das vantagens na comunicação que ganhou com o uso da internet, apontou alguns ganhos físicos e cognitivos no uso constante do computador:

*" - Pois é, menina! Eu acho que é uma coisa que ajuda tanto! Ajuda a memória, sabe!? Você fica ágil! Você mexe com os dedos, então é uma forma de exercício. Porque tem muita pessoa que tem problema na articulação e coisa e tal. Mas eu acho que, se você, sabe... mexer com os dedos já evita um pouco. É uma forma de exercício isso! Mental e físico." (Vilma, 72 anos)*

Após tratar das conquistas advindas da relação do idoso com as TIC, apresento agora, o segundo núcleo de sentido, que trata exatamente das dificuldades e aspectos negativos encontrados nessa relação.

O núcleo **Usar. Como usar? Eis mais uma questão**, não apareceu diretamente nos discursos das participantes. Essa compreensão foi obtendo no decorrer das entrevistas, quando as participantes apresentavam algumas contradições relacionadas as dificuldades que encontravam ou até no pedido de ajuda para familiares. Quando perguntadas se encontravam dificuldades de acesso e em usar as TIC, todas as entrevistadas responderam que não, que pelo contrário, que ouviam bem, enxergavam bem e que não encontravam dificuldades em usar os equipamentos. Me surpreendi com essa informação, porque todas elas vincularam o tema "dificuldade" com o aspecto físico e não o de conhecer e aprender a lidar com as ferramentas.

Porém, na minha apreensão sobre esse fenômeno do ser-estar do idoso com as TIC, as maiores dificuldades que as participantes apresentaram em seus discursos foram referentes ao funcionamento do software, em como usar essas

ferramentas. Percebi através do discurso da Meire que, o que a fez desistir do uso do Facebook, como meio de comunicação, não foi apenas o fato de deixar a vida "devassada", mas sim a dificuldade em conhecer todos os recursos que o aplicativo oferece e em como controlá-los para seu próprio benefício, sem se expor como o imaginado:

*" - Não, não, não gosto! Outro dia eu fui abrir porque eu precisava enviar umas fotos, e era muita coisa, era muita coisa, eu precisava enviar para o Rio de Janeiro, para uma amiga no Rio de Janeiro, aí eu no meio do caminho, aí ficava aquela história, isso aqui não tem problema, só saber usar... olha isso aqui da problema se você não souber usar, aí eu não quis mais.... ah para, para, para... sabe... então, porque minha preocupação é essa mesmo, de entrar gente que não sabe quem é e fica sabendo da sua vida, aí interesse, e entra porque eu já vi casos complicados, bem complicados..." (Meire, 71 anos)*

Miranda foi a única entrevistada a dizer que tem dificuldades em lidar com as novas tecnologias, no sentido de como usar os recursos novos, por demandar um tempo para aprender e se adaptar e também nas limitações que são colocadas pelos fabricantes dos softwares dos aparelhos, que de fábrica vem configurados num idioma estrangeiro, dificultando ainda mais o uso. Numa de suas falas, Miranda apontou algumas das suas dificuldades em usar alguns aplicativos do computador e quando, por motivo de roubo, teve que trocar o celular do qual já estava acostumada a usar, por um celular novo, mais moderno:

" - É... sim! Até mesmo manusear e-mail quando eu preciso de outros recursos, é... tem que abrir outros dispositivos e eu me perco nisso muitas vezes. Então eu perco tempo, eu me irrito um pouco com isso. Enfim, eu encontro sim dificuldades. Recentemente em celular, quer dizer, eu tinha meu celular, foi roubado, enfim... tive que comprar um novo. Até me adaptar, ainda estou me adaptando, sinto sim dificuldades, né? Especialmente não tenho, não falo inglês, então muita coisa vem em inglês, no computador especialmente, então, eu tenho sim dificuldades. [...] Como falei, o celular é novo, muitas vezes já aconteceu, por exemplo, de terminou a ligação, mudou totalmente, né... comprei um diferente, mais moderno, tal... e o finalizar a ligação (fez um gesto com a mão como se estivesse com um celular em mãos e apertasse um botão - risos), não finalizei e foi embora todo o meu crédito, então é... é uma dificuldade de adaptação sim, né? Depois, lógico que fica natural, né. Mas eu sinto sim algumas dificuldades. (Miranda, 60 anos)

A participante Vilma colocou a dificuldade de não saber usar os recursos novos por não ter aprendido ainda e não dispor de alguém que a ensine a manusear os novos equipamentos, limitando assim o seu acesso. Entretanto, coloca isso como um obstáculo a ser superado, pois tem interesse em aprender a usar as novas tecnologias para atender as suas necessidades de comunicação e interação, me lembrando a citação que fiz de Píndaro na abertura deste trabalho: "ninguém é tão grande que não possa aprender, nem tão pequeno que não possa ensinar".

" - Não, é por não conhecer ainda. Porque, quem está devagarzinho me ensinando é o meu neto. Ele vem uma vez por semana aqui em casa. E nem sempre ele está disposto, você está entendendo? (...)E quando a gente está aqui,

*"ensina isso para a vovó?". Aí, a gente vai lá e ele dá uma explicaçãozinha. Às vezes eu entendo, às vezes não entendo, então fica para a próxima semana. Por isso que está sendo uma coisa mais demorada. Mas eu chego lá." (Vilma, 72 anos)*

Outro quesito que compreendi como dificuldade encontrada foi a modificação nas relações familiares através da questão do excesso de controle advindo da família através da utilização dos aparelhos tecnológicos. As participantes em alguns momentos, em tom de brincadeira, falaram que seus familiares por diversas vezes, usaram do celular ou de outro meio eletrônico para controlar suas vidas. Com isso, o que no início foi visto como cuidado, depois de um tempo acabou sendo sentido como controle e desproteção. Dessa forma, tiveram que colocar alguns limites e aprender a lidar com essas cobranças familiares, como fica bem claro na fala da Vilma:

*" - Olha, uma vez eu dei uma bronca mesmo por causa disso, porque estava demais. Mesmo porque eu tenho impressão que é em decorrência do meu problema de saúde. Acho que eles tem medo e pela idade também, porque eles sabem que eu sou "traquina" pra caramba. Sabe? Eu sou de subir muro para pegar fruta, eu sou de subir em escada para tirar lustre. Então eles morrem de medo, sabe... de que eu faça alguma besteira e me arrebente e não tenha como pedir socorro. Em parte é isso. Mas uma vez eu estava nervosa e falei "ah, eu não posso dar um pulo fora de casa gente, que quê é isso?". Estava os dois aí, a vizinhança toda aí, e eu tinha ido sabe aonde? Ali na padaria. Não... mas eu... [...] Então, eu ligo e falo assim: "olha filha, eu vou em tal lugar, vou sair. Se é o caso você liga.. ou eu já estou em tal lugar... "Leva o celular!". "Já está na bolsa. É... pra você não mandar a Polícia Federal atrás de*

*mim, tá bom?". "Tá mãe, você é chata!". (Risos) Então eu acho que em parte é cuidado, mas essa proteção demais, desprotege, né! Eu falei "eu não quero ficar insegura. E você estão me deixando insegura." Não quero! Custei tanto para ser o que sou agora! Foi duro quando o meu marido faleceu. Eu era uma insegurança só. Que eu não sabia caminhar sozinha, sempre com gente protegendo, protegendo, fazendo tudo pra mim e coisa e tal. Quer dizer, você não... 'Aí custou para eu aprender e vocês estão querendo tirar? Não tira não!'" (Risos) (Vilma, 72 anos)*

Através dessa fala da "desproteção", também apreendi outro ponto visto como dificultoso para essas participantes: a vulnerabilidade. Quando questionei as participantes se elas teriam outros equipamentos mais modernos, elas informaram que comprar e usar esses equipamentos novos acaba por expô-las ao perigo de roubos e assaltos. Ficou claro que esse risco não cabe apenas aos idosos e sim a qualquer um, mas por algumas limitações da idade, essa população acaba sendo um alvo mais fácil para esse tipo de ação, sendo mais um fator que restringe o uso da TIC pelos idosos, o medo de estar inseguro na rua com algum equipamento moderno.

*" - Não, não! Você sabe por quê? Porque eu tenho... eu sempre falo, a minha filha sempre falou "mãe qualquer hora eu vou te dar um...", o meu neto aliás, "vó eu vou comprar para poder... o dele é aquele bonito, assim, umas coisas assim, sabe (apontou para o celular que estava gravando em cima da mesa), que fotografa, tem internet, tem isso, tem aquilo. "Vou te dar o meu e vou comprar outro". Eu falo "não filho, o que eu quero é este aqui". Você sabe por quê? Este não chama a atenção. Se eu precisar usar na rua, ninguém, ninguém vai olhar duas vezes pra esse. E eu*

*estou mais segura. É pela minha segurança que eu quero este. Esta é a resposta que eu dou." (Vilma, 72 anos)*

Sentimentos de cobrança social e da família, o sentir-se desatualizado, a necessidade de pertencer a um cenário cheio de novidades tecnológicas, o "ter" que consumir os equipamentos que são lançados, a cobrança do tempo e da rapidez, o aprender e usar tudo do novo que aparece, também faz parte desse bloco de dificuldades encontradas em relação as Tecnologias da Informação e Comunicação e a interferência que elas causam na vida dos idosos. E é, a partir, dessas pontuações, que trago o terceiro núcleo de sentido.

***A influência como pressão: necessidade e adaptação***, se mostrou no decorrer das falas das entrevistadas, na relação com seus familiares e amigos. Por se tratar de sistemas no qual as participantes fazem parte e estão inseridas, influenciar e ser influenciada se torna uma constante presente no dia a dia, considerando assim, o aspecto de circularidade das relações.

Quando questionei as entrevistas se elas viam benefícios no uso das TIC, todas apontaram diversos aspectos positivos, e em sua grande maioria, voltados para a comunicação e interação com a família e amigos. Essa integração acaba criando pressões sobre o idoso, para que ele se mantenha inserido, presente e vivo nesse cenário.

Com isso, criam-se novas necessidades, como ter um perfil na internet, criar contas de e-mail, baixar aplicativos de comunicação, comprar aparelhos que nem sempre fazem parte da sua realidade de necessidades, porque existe uma cobrança familiar e/ou social para que assim aconteça. Viver neste cenário contemporâneo é passar por momentos de inclusão e exclusão. O estar incluso quando se usa e tem algo novo e estar excluído quando não se tem a novidade ou não se usa o recurso. Essas formas de inclusão e exclusão aparecerem nas falas vinculadas a família e amigos.

Nesse sentido há momentos em que o uso das TIC se apresenta como uma forma de inclusão, bem estar, vinculação com a família e amigos e como uma forma de lazer. A criação de um grupo que se comunicava pela internet foi uma maneira alternativa para a Meire lidar com a aposentadoria e com o afastamento dos amigos de trabalho. Deixou de ter uma presença física, para uma presença virtual, não rompendo os laços afetivos construídos até então, permitindo a continuidade da relação apesar das distâncias.

*" - Foi quando a gente, nós terminamos, eu tava começando assim, pensar em me aposentar e tal, tal... tava, muitas colegas minhas já tinham se aposentado né, e... a gente trabalhou muitos anos juntas, era um grupo assim muito bom, e todo mundo se conhecia, então nós resolvemos fazer uma continuidade do nosso relacionamento, porque na delegacia a gente não ia mais se ver. Então... eu, nós resolvemos investir em ações, dá uma de louca mesmo, né... Hahaha!!" (Meire, 71 anos)*

Através da fala da Vilma, pude testemunhar o fenômeno do pertencer, do estar presente, atendendo a demanda da nossa sociedade contemporânea, do estar "atualizada":

*" - Nossa!!! Uma distração, uma alegria, um passatempo... Uma informação. Tudo! Estar atualizada com tudo e com todos." (Vilma, 72 anos)*

Miranda aponta o movimento social, em que a maioria das pessoas estão aderindo às comunidades virtuais, como uma forma também de pertencer a um grupo, independente da idade:

*[relações familiares] " - Sim, Sim! Minha família é muito grande e até as minhas irmãs mais velhas já aderiram nesse contexto. E hoje eu vejo assim, que está todo mundo dentro, né!" (Miranda, 60 anos)*

Porém, todo esse movimento apresenta-se de maneira dialética, ora includente ora excludente, porque as demandas sociais acabam criando pressões e cobranças que muitas vezes não fazem parte das necessidades dos idosos que utilizam as TIC, mas como uma forma de estar presente e inserido no contexto social, o idoso busca caminhos para ter acesso ao equipamento, meios de aprender a usar e se adaptar a essas novidades de mercado.

*" - Ahm... olha, ao mesmo tempo que é... significa estar presente, estar me comunicando, vendo instantaneamente, através do online, ou passando ou reconhecendo uma foto de alguém, além de tudo isso, significa também estar muito exposta. Isso é uma parte assim, que ainda não estou tão pronta, né? Me sinto um pouco exposta, isso tem um incômodo também. Então, pra mim tem esses dois aspectos. Também tem aquela coisa de atualizar, eu não tenho muito tempo, né! Então quando eu vejo "estou desatualizada", "não, depois eu faço, depois eu não faço", mas eu me cobro, enfim... eu tenho um certo incômodo enquanto a isso."  
(Miranda, 60 anos)*

Vilma, numa fala muito rica, contou a estória de como foi criado um perfil do Facebook para si, mostrando o estímulo que recebeu de uma familiar para fazer parte desse grupo e o preconceito que sofreu de outro membro mais novo da família, por demonstrar interesse em fazer parte dessa rede social. E também a forma que lidou para se mostrar um ser de direitos, independente da idade e do que era:

*" - Não, esse negócio de Face foi uma coisa interessante. Ah, assim que eu comecei a aprender, estava a minha filha aqui, a minha neta, uma das minhas netas e a minha filha falou assim, "mãe eu vou fazer esse negócio do Face aí..." ela falou, usou o termo técnico lá. A minha neta deu um pulo desse tamanho (apontou com a mão uma distância de quase um metro do chão). "Você está louca, tia!?". Aí ela falou "por quê?". "Magina a vó com essa idade ter Facebook???". Ai, minha filha... [...] Hum... "Por quê, Gabriela<sup>11</sup>? Por que a vó com essa idade?". "Magina, não tem*

---

<sup>11</sup> Para preservação de identidade e por aspectos éticos, este nome foi alterado por um fictício.

*graça! Isso daí é coisa pra jovem". Eu falei "Gabriela, o quê que você tem medo? De eu arrumar namorado pelo Facebook?". Eu falei "Olha minha filha, uma, eu vou te falar com franqueza!", porque é uma ciumeira, menina. É uma ciumeira aqui em casa que eu vou te contar. Aí eu falei "olha aqui minha filha, eu vou te contar, vou te dizer só uma coisa. A tia vai fazer esse Facebook pra mim e eu vou entrar, eu vou usar! Porque eu tenho o mesmo direito que você! Não importa a minha idade. Eu vou ver uma utilidade e você vê outra. Entende? E outra coisa, se eu quisesse arrumar namorado, não precisa disso e nem da sua permissão." Aí ela ficou desse tamaninho (apontou com a mão uma distância menor de um metro do chão) (...)Nunca mais! Hoje em dia a gente conversa pelo Facebook. Agora ela não acha ruim, sabe."*

*(Vilma, 72 anos)*

Apesar dessas barreiras, a família também se mostra um dos grandes influenciadores e estimuladores dos idosos para aderir ao uso das TIC, muitas das vezes entendidos como cobrança:

*" - Ahhh!!! Sem dúvida!!! Já me cobram!!! (risos) "Mãe, você precisa ter isso! Mãe!! Isso está ultrapassado!!!" (risos). Sem sombra de dúvida. Estão sempre... Eu já me sinto cobrada, que eu vejo, "poxa, preciso comprar um tablet todo mundo está tendo...", daqui a pouco já nem é mais e eu nem comprei ainda!!! Então, tanto eu me cobro como a família cobra sim!" (Miranda, 60 anos)*

Todas as entrevistadas relataram que são os familiares que ajudaram a comprar, escolher e ensinar a usar os equipamentos com novas tecnologias. Isso também acaba gerando um espaço de interação entre as gerações, porque em

vários momentos filhos e netos auxiliam, mesmo que distantes, no aprendizado dos avós, permitindo assim, um vínculo e uma experimentação de outras formas de ser e estar no mundo consigo e com os outros.

*" - Aí, foi aqui mesmo, através do meu neto. E uma dessas minhas, dessa minha neta que vai ter o neném, na época ela estava nos Estados Unidos. Ela foi fazer, ficar seis meses lá, né, para aperfeiçoar o inglês. Então, a gente conversava. Eu conversava com ela. Era maior sério, todo dia! Eu acompanhava a vida dela lá pelo Face. Não é uma coisa ótima, maravilhosa!!? E muita coisa que eu tinha de dificuldade, ela me ensinava de lá. (...) Pelo Face! Ela me ensinava de lá. "Não vô, você faz assim, assim, assim... Você vai aonde tem aquele sinalzinho...", assim, com toda paciência. Quer dizer, o que eu aprendi mesmo, eu devo a esse minha neta e ao meu neto. Foram eles..." (Vilma, 72 anos)*

Compreendi que as próprias entrevistadas, apesar das dificuldades que enfrentam para aprender a usar os recursos, veem isso como uma situação da qual não se pode fugir. Estar permeado por tecnologia e novos meios de se comunicar faz parte da sociedade em que vivemos, portanto, com novidades e demandas de adaptação e aprendizagem a cada dia. Benefícios e facilidades são conquistados a cada aprendizado. Miranda conta que aos 49 anos decidiu voltar a estudar e ter uma formação superior. Uma das exigências colocadas pela Universidade foi exatamente fazer pesquisas pela internet e relatórios pelo computador. Apesar de toda luta para enfrentar essas novidades e exigências, considerou isso como um salto em sua vida, no qual além de uma formação, conquistou melhorias em sua vida, como

formas de divulgar seu trabalho, comunicar-se e manter relações com parentes e amigos e aumentar seu universo de informações.

E com tudo isso, outra questão aparece: "onde tudo vai parar?":

*" - Eu acredito que traga sim, mais demanda, mais trabalho que não seria minha necessidade, o meu desejo, né! Mas de outro lado, não tem como não estar também inserida, porque é a forma que existe, porque facilita a vida, não é? O que a gente levaria dias, a gente faz em minutos, provavelmente em segundos daqui pra frente, né!? Em todos os sentidos, no conhecimento, adquirir conhecimento, passar informação, passar conhecimento, estar em contato com pessoas queridas, também trabalhar de forma muito mais autônoma... é... de outro lado, eu tenho assim, uma... pra mim tem sim uma dificuldade também, quer dizer, "aonde vai parar isso", né, e me preocupa até esse lado mais, de... de tantos, tantos aparelhos que estão se renovando hoje, já no Brasil são dois celulares para cada habitante, né! Eu me preocupo aonde vai parar isso, né? Pensando na sustentabilidade do planeta, tudo isso tem uma preocupação. Mas não sei, eu confio que as inteligências estão aí pra isso, e todos estão evoluindo com isso e as coisas vão ser cada vez melhores, eu entendo né?! Que de alguma forma alguém vai direcionando de maneira saudável tudo isso." (Miranda, 60 anos)*

E para finalizar esse núcleo lanço uma apreensão que tive a partir da fala de todas as entrevistadas quando questionadas sobre o não uso das TIC. Além de relatarem que a maioria dos amigos e familiares usam celular, computador e

principalmente a internet, ficou explicito nos discursos que a pessoa idosa ou até aqueles que ainda não "estão idosos" e não usam essas tecnologias são pessoas acomodadas, desinteressadas, desatualizadas, que não tem curiosidade. Agir e pensar assim também não seria uma forma de se incluir ao grupo supostamente dominante e ser um discriminador, excluindo aqueles que não veem essa necessidade? Porém, nossa população vem envelhecendo e já está incutido no seu cotidiano essas tecnologias. Como não usá-las ou não lidar com elas e as idiossincrasias que elas trazem a cada?

*" - Eu não sou muito de lidar com máquina não, mas no caso da internet, do celular, não tem como, aí a gente tem que aprender mesmo, não tem como, aí... Aí você tem uma necessidade, você fica isolada, você fica limitada muito! Os dias de hoje limita demais... limita demais, eu acho que tem que saber sim! Tem que entrar nessa, porque se não fala? É como se você não falasse, não sabe falar? Não tem jeito, é, virou necessidade né, virou necessidade." (Meire, 71 anos)*

*" - Eu acho que só pessoa acomodada mesmo, viu? Pessoa que não tem vontade ou que... não sei. Porque eu acho tão fácil. No início eu achava que, sabe, que não conseguia controlar o raio do mouse (risos), então eu ficava muito brava comigo, sabe... mas... eu acho que é tão fácil gente. Não é tão difícil. Não tem nenhum bicho. O meu (risos), o meu neto no início falava "vó assim!" e eu ficava com medo. "Vó ele não vai te morder, ele não vai te morder!". (Risos) "Pode fazer que não te morde!". (Risos) (Vilma, 72 anos)*

*" - Estar fora do contexto!!! (...) É... dessa sensação de... de... poder realizar, né!? Estar fora do computador você hoje é impossível realizar. O tempo não permite, né! Então, o computador facilita a vida. Eu diria que é mais que facilitar, ele possibilita fazer tanta coisa num espaço em que você está fazendo duas coisas ao mesmo tempo, três coisas ao mesmo tempo. (risos)" (Miranda, 60 anos)*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfrentar um cenário contemporâneo em que a espera do inesperado é uma constante, me fez pensar e querer compreender como as pessoas consideradas idosas lidavam com aquilo que para mim era natural: ter novidades tecnológicas sempre ao alcance, seja na informação, no uso ou comunicação.

Há 6 anos, passei por uma experiência familiar de ver minha avó materna, com 81 anos, pedir ajuda para os netos para comprar um celular, que tivesse câmera fotográfica e sistema de Rádio FM, pois ela queria produzir as próprias fotos e ouvir música na sua particularidade usando fones de ouvido no celular. Ver todo este processo me chamou muito atenção e me despertou imensa curiosidade: o que a fez querer usar tal coisa? Será que outras pessoas dessa idade também tem este interesse? Será que foi a grande convivência com os netos nos finais de semana com as conversas e o uso desses aparelhos que a fez despertar tal curiosidade? Infelizmente não consegui saber isso da minha avó, pois há 3 anos ela partiu, deixando muita saudade.

Depois disso, acabei esquecendo dessa curiosidade e foi durante minha especialização, que em algumas aulas vi doutoras em Psicologia, que tinham seus 60 anos ou mais, pegar o celular, para chamar um dos funcionários da Instituição para ligar o ar condicionado, ou para fazer uma conexão dos equipamentos de projeção - disponíveis em sala de aula - no seu computador, para expor trechos de

matéria. Ou ainda pedir o e-mail de um representante de sala para passar o conteúdo dos slides via internet. E ainda mais perguntar se algum aluno possuía um pendrive<sup>12</sup> para transferir o conteúdo da aula que estava em seu computador para um dos alunos.

Neste ano, numa supervisão, ouvi uma de minhas supervisoras, lembrar Chico Anísio, que numa entrevista havia dito que o ser humano que viverá 150 anos já nasceu. E ela já havia desistido de ter essas coisas super modernas, por acreditar que já estava velha demais para isso. Porém, a vida continuou e ela decidiu lidar de outra forma com a vida que ainda tem pela frente: "vou conhecer e aproveitar disso então!", Acendeu-se assim, minha antiga curiosidade e retomei esta pergunta neste trabalho. Através das entrevistas e de todo material até então visto nas aulas e nos textos das disciplinas, compreendi que grande parte dessa interação do idoso com as TIC se dá por influência social, dos grupos a que se pertence e frequenta, e principalmente da família, como forma de estar inserido, vinculado e participante desse sistema.

Percebi que essas participantes têm uma compreensão e rotina de vida atuantes, seja na vida familiar, no grupo de amigos ou ainda no mercado de trabalho. Isso, pareceu facilitar a forma como essas mulheres lidam com as dificuldades em aprender e a inserir essas tecnologias em suas vidas.

---

<sup>12</sup> Pendrive é um dispositivo de armazenamento de dados.

Lidar com dificuldades será uma premissa de qualquer aprendizado, em que assimilar o novo e se adaptar fará parte da acomodação para se usar as novidades que aparecem e das necessidades que são criadas no mercado consumidor, independentemente se necessidades de um grupo ou não.

Este trabalho não teve em momento algum a finalidade de encerrar o assunto com algo investigado, aferido e acabado. Pelo contrário, foi um recorte, através de uma curiosidade de identificar alguns pontos sobre como os idosos lidam com as Tecnologias da Informação e Comunicação que a cada dia fazem parte de muitos aspectos da nossa realidade. Lançar outros questionamentos, pesquisar essas relações, ao meu ver, se torna necessário.

Hoje meus pais estão na meia idade e utilizam diariamente as TIC para benefício próprio. Como será essa relação daqui 15, 20 anos? Quais dificuldades serão encontradas? Existirão tecnologias mais acessíveis a essa população crescente, para esse mercado consumidor tão promissor? Como eu, que ainda me considero um adulto jovem lidarei com as TIC futuras? E quando envelhecer?

Penso que num futuro próximo, essas dificuldades ficarão menores, pois o cenário social atual se estrutura no consumo e uso dessas tecnologias. Portanto, imagino que outra cultura se construirá, com suas vantagens e desvantagens, suas inclusões e exclusões, necessitando sempre ser reolhadas, pesquisadas e discutidas.

## 5. REFERÊNCIAS

**CERVENY, C. M. O. (ORG).** Família e. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004.

**CERVENY, C. M. O., BERTHOUD, C. M. E. (ORG).** Visitando a família ao longo do ciclo vital. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2002.

**CERVENY, C. M. O., BERTHOUD, C. M. E. (ORG).** Família e Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1997

**CRITELLI, D. M.** Analítica do sentido: Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: Brasiliense, 2006.

**CÔRTE, B., MERCADANTE, E. F., ARCURI, I. G. (ORG).** Envelhecimento e Velhice: um guia para a vida. São Paulo, Vetor, 2006.

**DEBERT, G. G.** A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004, 1ª edição, 1ª reimpressão.

**DICIONÁRIO MICHAELIS.** <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>  
- acessado em 29/05/2013.

**GALANO, M. H.** Família e história: a história da família. IN: **CERVENY, C. M. O. (ORG).** Família e... Narrativas, Gênero, Parentalidade, Irmãos, Filhos nos divórcios, Genealogia, História, Estrutura, Violência, Intervenção sistêmica, Rede social. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2011, 1ª reimpressão.

**GER-AÇÕES**, Pesquisas e Ações em Gerontologia. Disponível em: [http://geracoes.org.br/novo\\_site/](http://geracoes.org.br/novo_site/). Acessado em: 28/10/2013.

**HONORATO**, E. J. S. Comunidade virtual orkut: uma análise psicossocial. IN: **PRADO**, O. Z., **FORTIM**, I., **COSENTINO**, L. (ORG). Psicologia e Informática: desenvolvimentos e progressos. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2005.

**INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE)**. Acesso a internet e Posse de telefone móvel celular para uso pessoal. Publicação completa. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet2011/default\\_pdf\\_celular.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessoainternet2011/default_pdf_celular.shtm) - Acessado em: 26/09/2013.

\_\_\_\_\_ . Censo 2010. Publicação Completa. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm> - acessado em: 26/09/2013.

**KACHAR**, V., **XAVIER**, M. A. V., **LIMA**, A. M. M. Novas Necessidades de Aprendizagem. São Paulo: Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social, Fundação Padre Anchieta, 2009.

**KACHAR**, V. A Terceira Idade e a Exploração do Espaço Virtual da Internet. IN: **CÔRTE**, B., **MERCADANTE**, E. F., **ARCURI**, I. G. (ORG). Envelhecimento e Velhice: um guia para a vida. São Paulo, Vetor, 2006.

**MAMEDE-NEVES**, M. A. C. O jovem no centro da dimensão oculta da Internet. IN: **NICOLACI-DA-COSTA**, A. M. (ORG). Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação. São Paulo, Edições Loyola, 2006.

**MAIORINO**, F. T. A subjetividade na era dos chats. IN: **PRADO**, O. Z., **FORTIM**, I., **COSENTINO**, L. (ORG). Psicologia e Informática: desenvolvimentos e progressos. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2005.

**MINAYO**, M. C. S. O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. Petrópolis, Vozes, 2006.

**NICOLACI-DA-COSTA**, A. M. (ORG). Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação. São Paulo, Edições Loyola, 2006.

**NICOLACI-DA-COSTA**, A. M. Internet e subjetividade: a emergência de uma nova “configuração psíquica”. IN: **PRADO**, O. Z., **FORTIM**, I., **COSENTINO**, L. (ORG). Psicologia e Informática: desenvolvimentos e progressos. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2005.

**OLD NET**. Conhecendo o OldNet. Disponível em: [http://www.oldnet.com.br/pg\\_inicial.htm](http://www.oldnet.com.br/pg_inicial.htm) - acessado em: 06/08/2013.

**PORTAL DO ENVELHECIMENTO**. Crescimento da População Idosa Inspira Cuidados. Disponível em: <http://portaldoenvelhecimento.org.br/noticias/longevidade/censo-aponta-crescimento-da-populacao-idosa-inspira-cuidados.html> - acessado em: 29/05/2013.

\_\_\_\_\_. Sua rede de comunicação e solidariedade: Conheça o Portal. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/conheca/conheca.htm>. Acessado em: 28/11/2013.

**RELVAS**, A. P. O Ciclo Vital da Família: Perspectiva Sistêmica. Porto, Edições Afrontamento, 2000.

**REY, F. G.** – Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thonsom Learning, 2005

**RODRIGO, THIAGO.** A Vida é Feita de Consumo: Faixas Salariais, Classes Sociais. Disponível em: <http://blog.thiagorodrigo.com.br/index.php/faixas-salarias-classe-social-abep-ibge?blog=5> - acessado em 20/10/2013.

**SEVERINO, A. J.** – Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2002.

**SINDICATO DOS PSICÓLOGOS.** Notícias. Disponível em: <http://www.sinpsi.org/noticias.php?id=2695> - acessado em 30/05/2013.

**SITES UAI.** Vovôs Online: Em seis anos, o número de idosos que usam a internet aumentou mais de 200%. Disponível em: [http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2013/09/20/noticia\\_saudeplena,145508/em-seis-anos-o-numero-de-idosos-que-usam-a-internet-aumentou-mais-de-200.shtml](http://sites.uai.com.br/app/noticia/saudeplena/noticias/2013/09/20/noticia_saudeplena,145508/em-seis-anos-o-numero-de-idosos-que-usam-a-internet-aumentou-mais-de-200.shtml) - acessado em: 04/10/2013.

**VINCENT, G.** Posfácio. IN: **PROST, A., VINCENT, G.** (ORG). História da Vida Privada: da primeira guerra a nossos dias. Tradução: **BOTTMANN, D., BRUSCHAR, D.** de. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, Vol. 5.

**WALSH, F.** A Família no Estágio Tardio da Vida. IN: **CARTER, B., MCGOLDRICK, M.** (ORG). As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma Estrutura Para a Terapia Familiar. Tradução: **VERONESE, M.A.V.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1995, 2ª edição.

**WIKIPÉDIA.** A enciclopédia livre: Facebook. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook> - acessado em: 21/10/2013.

# ANEXOS

# TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Título da Pesquisa: "Ligar, postar, curtir ou compartilhar? Eis a questão!" - Um estudo sobre a relação do idoso com as tecnologias de informação e comunicação.

Pesquisadora: Monique Fernandes Silva Santos

Nome do participante: \_\_\_\_\_

Caro(a) participante:

Convido-o(a) a participar como voluntário(a) na pesquisa referenciada acima, cuja finalidade é compreender como se dão as relações entre o idoso(a) e as Tecnologias de Informação e Comunicação na contemporaneidade. Os dados dessa pesquisa comporão a monografia do curso de Especialização em Terapia Familiar e de casal da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC.

Sua forma de participação consiste em conceder e uma entrevista, com duração média de uma hora, que será gravada em áudio. Seguindo os preceitos éticos, seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa, o que garante o seu anonimato. O risco é considerado mínimo em sua participação neste estudo. Contudo, caso haja algum desconforto, a pesquisadora se compromete a encaminhá-lo(a) ao atendimento adequado.

Os resultados contribuirão para a construção e ampliação de conhecimentos da ciência da Psicologia e estarão disponíveis junto à pesquisadora. Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o desejar.

Desde já agradecemos sua atenção e participação. Em caso de dúvida(s) e outros esclarecimentos sobre esta pesquisa você poderá entrar em contato com a responsável principal, Monique Fernandes Silva Santos, que ficará à disposição para esclarecimentos futuros ou orientações nos telefones (11) 9 8083-3699 ou (11) 2537-7496.

Eu \_\_\_\_\_,  
portador(a) do R.G. n.º \_\_\_\_\_, telefone: \_\_\_\_\_,  
confirmando que, Monique Fernandes S. Santos explicou-me os objetivos desta  
pesquisa, bem como a forma de participação. Li e compreendi este termo e autorizo  
a utilização dos dados desta entrevista para estudo e publicação. Concordo em dar  
meu consentimento de participação voluntária e fico com uma via do TCLE de igual  
teor.

São Paulo, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Participante

## QUESTIONÁRIO

### Dados do contato:

1) Nome: \_\_\_\_\_

2) Sexo: (     ) Feminino (     ) Masculino

3) Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ (dd/mm/aa)

4) Escolaridade: (     ) Fundamental (     ) Médio (     ) Superior

5) Estado civil: (     ) Casado(a) (     ) Divorciado(a) (     ) Viúvo(a)

(     ) outro: \_\_\_\_\_

6) Tem filhos? (     ) Sim (     ) Não Quantos? \_\_\_\_\_

7) Tem netos? (     ) Sim (     ) Não Quantos? \_\_\_\_\_

8) Mora: (     ) Sozinho(a) (     ) Parceiro(a) (     ) Com os filhos

(     ) Com os netos (     ) outros \_\_\_\_\_

9) Qual sua fonte de renda? (     ) Própria (     ) Aposentadoria

(     ) Filhos (     ) Pensão (     ) Outro \_\_\_\_\_

10) Qual a sua renda?

(     ) de 5 a 9 salários mínimos

(     ) de 10 a 14 salários mínimos

(     ) Outro valor \_\_\_\_\_

11) Já trabalhou? (     ) Sim           (     ) Não           Com       o       quê:

---



---

11) Trabalha atualmente?           (     ) Sim           (     ) Não           Com       o  
quê:\_\_\_\_\_

---

12) No seu dia a dia você tem acesso aos seguintes recursos:

TEVÊ                                   (     ) Não           (     ) Sim

TELEFONE FIXO                       (     ) Não           (     ) Sim

CELULAR / SMARTPHONE              (     ) Não           (     ) Sim

COMPUTADOR                         (     ) Não           (     ) Sim

TABLET                                (     ) Não           (     ) Sim

INTERNET                             (     ) Não           (     ) Sim

13) Quais deste recursos você utiliza:

TEVÊ                                   (     ) Não           (     ) Sim

TELEFONE FIXO                       (     ) Não           (     ) Sim

CELULAR / SMARTPHONE              (     ) Não           (     ) Sim

COMPUTADOR                         (     ) Não           (     ) Sim

TABLET                                (     ) Não           (     ) Sim

INTERNET                             (     ) Não           (     ) Sim

(     ) Facebook                       (     ) E-mail           (     ) Blog

(     ) Aplicativos de mensagem instantânea (SKYPE, Gtalk, etc.)

(     ) Outros \_\_\_\_\_

14) Você encontra alguma dificuldade para ter acesso à esses recursos? Se sim, quais?

15) Você encontra alguma dificuldade para usar esses recursos? Se sim, quais?

16) Você usa algum desses recursos para falar com amigos ou familiares:

TELEFONE FIXO                    (     ) Não                    (     ) Sim

CELULAR / SMARTPHONE        (     ) Não                    (     ) Sim

COMPUTADOR                    (     ) Não                    (     ) Sim

TABLET                         (     ) Não                    (     ) Sim

INTERNET                       (     ) Não                    (     ) Sim

(     ) Facebook                    (     ) E-mail                    (     ) Blog

(     ) Aplicativos de mensagem instantânea (SKYPE, Gtalk, etc.)

(     ) Outros \_\_\_\_\_

17) Em quais outras situações você utiliza os recursos citados acima?

18) Seus amigos ou familiares te influenciaram a ter e/ou usar esses recursos? Se sim, de que forma?

19) Como você faz para adquirir esses equipamentos tecnológicos? Você os compra ou as pessoas te dão como presente?

20) Seus amigos usam esses recursos tecnológicos de informação e comunicação?

23) Você faz parte de alguma comunidade virtual, por exemplo, o Facebook? E os seus amigos e parentes também?

24) Onde aprendeu a usar esses recursos? Alguém ensinou?

Agora vou falar algumas frases e gostaria que você as completasse.

- a primeira vez em que usei o computador foi...
- a primeira vez em que usei o celular foi...
- quando preciso encontrar alguém que não está por perto uso...
- um aparelho de celular pra mim significa...
- o que mais gosto em um computador é...
- o que mais uso no computador...
- não usar o computador significa...
- a internet serve nos momentos...
- o celular serve nos momentos...
- hoje em dia usar o facebook pra mim significa...
- o uso do celular por mim para a minha família significa que...
- o uso do computador por mim para a minha família significa que...
- entre o grupo de amigos usar o celular significa...
- entre o grupo de amigos usar a internet significa

## TRANSCRIÇÕES

### TRANSCRIÇÃO PARTICIPANTE 1

Entrevistadora: Meire, diz para mim seu nome completo por favor.

Meire: C. E. Z. P.

E: Qual a data de nascimento, Meire?

C: 02 de Julho de 1942.

E: Qual escolaridade?

C: Superior Completo

E: Estado Civil?

C: Casada.

E: Tem Filhos?

C: Dois.

E: Netos?

C: Uma netinha.

E: Com quem você mora, Meire?

C: Aqui mora meu marido, eu e a Clarissa.

E: Um marido e um filho?

C: Isso.

E: Tá. Meire, a sua fonte de renda é própria, por aposentadoria, do marido, dos filhos, por pensão?

C: Não, meu marido tem a fonte dele né, e eu também tenho a minha. Eu tenho aposentadoria e meu marido também.

E: Só para eu ter uma noção de classe social, mais ou menos quantos salários mínimos é a renda da família, Meire?

C: Bom, aí nos temos que acrescentar, porque a gente tem umas casas de aluguel, então..

E: Só uma média, não precisa de um valor exato.

C: Ah... é... eu vou falar assim, meio que aproximado, né?

E: Uhumm...

C: Ah.... dá uns 16, 17 mil, mais ou menos.

E: Meire, já trabalhou?

C: Ah sim, muito, huuuummmfff, trabalhar, trabalhei!

E: Com o quê?

C: Eu fui professora, fui diretora de escola, prestei concurso para diretora, depois prestei concurso para supervisora e eu fui e fiquei uns tempos também como assistente técnico na divisão regional e como delegada de ensino, porque aí é nomeação, né? Aí já é nomeação, não tem concursos para esses cargos.

E: Entendi, nossa...

C: Então, eu fiz..., veja a Educação por vários focos, interessante que cada, de cada ângulo a gente vê de uma forma.

E: Nossa, que bacana, muda muito?

C: Interessante, sabe.. foco do professor, do foco do delegado, do foco... sabe, de... de... de quem está mais assim, muito interessante, valeu.

E: Quantos anos você trabalhou com isso?

C: Olha na realidade eu trabalhei 32, eu poderia ter me aposentado com 25 anos, mas eu gostava muito do que eu fazia, e meus filhos já estavam criados, então eu fui até os 32 anos. Aí depois ah... me decepcionei assim com.... sabe... com a própria administração da secretária, porque, veio uma pessoa que chefiava o nosso grupo que era muitooooo fraquinha, então você não tinha como trabalhar assim naturalmente, não tinha, então eu falei, bom eu tenho muito tempo já, posso me aposentar, não foi ficar aqui, ah me irritando, então eu pedi a aposentadoria, foi só por isso.

E: Uhummm...

C: Senão eu continuava.

E: Hoje você diz que está aposentada.

C: Sim, há 14 anos.

E: Além do serviço de casa, que já é muito...

C: É...

E: Tem alguma outra atividade hoje, trabalha hoje?

C: Olha eu...,eu não, assim pra renumeração não. Eu... eu nado, faço natação. E faço... invisto em ações, que é para distrair um pouco né, porque precisa. lihhh, ahhh aí eu... é o que todo mundo faz né, o resto é o que todo mundo faz, a gente sai, leva cachorro para passear, essas coisas assim que todo mundo... Tá ótimo! Tá muito bom! Não precisa mudar.

E: No seu dia a dia, você tem acesso aos seguintes recursos: TV?

C: Tenho

E: Telefone Fixo?

C: Tenho

E: Celular?

C: Tenho

E: Computador?

C: Tenho

E: Tablet?

C: Não, tablet não gosto. Eu só gosto... nem aquele pequeno, eu só gosto de computador grande.

E: Internet?

C: Sim

E: Desses recursos aqui qual que você usa, Cleide?

C: Eu uso todos.

E: Você usa frequente, TV usa?

C: O TV é o que menos uso.

E: tá, mas é pouco então?

C: É.

E: Telefone fixo?

C: Uso, celular também.

E: Celular..., Computador também?

C: Também.

E: Tablet, não.

C: Não.

E: Internet, sim. Meire, tem Facebook?

C: Não, porque eu acho que a vida fica muito devassada, e também não tenho tempo para ficar bater batendo papo, não entendo como esse povo consegue, bate papo, bate papo, bate papo, coisa, sabe? E também acho que pior... é que a vida fica muito devassada, todo mundo tem acesso não tem? Então é por isso que não gosto.

E: Tem e-mail, Meire?

C: Tenho.

E: Usa blog, tem um?

C: Não

E: Tá... Usa skype, MSN?

C: Sim, Skype eu uso, MSN não.

E: Tá... algum outro aplicativo, por exemplo, de comunicação?

C: Ah... a Direta. Hahahahahahaha!!!

E: Boa, muito boa Meire. Você encontra alguma dificuldade para ter acessos a esses recursos?

C: Não, não, nenhuma.

E: Perfeito.... Você encontra dificuldade para usar esses recursos, como por exemplo, usar celular, computador, encontra alguma dificuldade?

C: Não, não, pro que eu preciso não, pro que... eu para minhas necessidades eu não tenho dificuldade, agora, eu... não... conheço assim grandes programações de computadores,

assim, não, eu uso porque, eu procuro assim, alguns sites, algumas coisas, eu compro e vendo ações, né! Banco, acesso ao banco, ah... e-mail eu troco muito e-mail com as pessoas conhecidas, e... é para isso. Quer dizer, eu não trabalho com programas aprofundados de computadores, nada disso, é mesmo pro gasto. Hahahahaha.

E: E esses recursos que você usa, tem alguma dificuldade no manuseio deles, como por exemplo, letra pequena...

C: Não, não

E: Tudo ok?

C: Não, não, não tenho problema de enxergar perto, não tenho problema nenhum...

E: Legal

C: Leio legal. Eu leio bula!

E: Excelente, Meire! Você usa algum desses recursos para falar com amigos ou familiares: telefone fixo?

C: Sim.

E: Celular?

C: Sim.

E: Computador?

C: Sim.

E: Tablet?

C: Não.

E: Internet?

C: Sim.

E: Desses recursos da internet, você disse que não usa o face, né...

C: Não.

E: Você, usa e-mail, blog ou skype para falar com essas pessoas?

C: E-mail.

E: Só e-mail?

C: Só o e-mail, mesmo assim é meio perigoso com esses vírus que entra, eu tenho assim, eu fico meio receosa por causa do banco, né, mas até agora não aconteceu nada, por causa dos vírus, né? Não é uma coisa assim... muito... gara... bom você vê que não é garantida mesmo, você vê o que está acontecendo, imagina conosco, com os nossos míseros computadores, né? Então....

E: Meire, em quais outras situações você utiliza os recursos que eu citei acima, como por exemplo, telefone, a internet, email?

C: Então, eu uso essa para investir, e para conhecer! Para quando eu sinto vontade assim de conhecer algum lugar ou um tema que me interessa, ai eu pesquiso, ai eu fico muito

tempo pesquisando... se bem que não é como um livro técnico, né? Tem muita bobagem tudo, mas é... tem muita coisa interessante também.

E: Normalmente quando você precisa pesquisar alguma coisa, você usa o Google, digita...

C: O Google! Eu tenho usado o Google pra acabar com a minha curiosidade, heheheh.

E: E dá conta?

C: Sim, sim.

E: O Google satisfaz a sua necessidade, dá conta?

C: Ah, sim! Dá, dá! Dá porque tenho tanto né, tanta... ele não dá conta assim... eu que não dou conta do google, né?? Hahaha

E: Hahahah, entendi.... Em quais outras situações você usa, hehe, esta eu acabei de fazer, né? Seus amigos ou familiares te influenciaram a ter ou a usar esses recursos, se sim, de que forma?

C: Ah, meu filho! Nossa, meu filho, porque ele trabalha na área né, de informática. Então ele era pequenininho e ele já queria, me dava assim uns programas para aprender, aprender como lidar com o computador. Eu achava chato demais, porque eu não queria aprender, eu queria que aquilo tivesse uma funcionalidade e no momento não tinha, então, aí quando eu fui, a tal história, quando eu fui requisitada, aí foi... vish, sai tudo, interessante, né! Foi quando a gente, nos terminamos, eu tava começando assim, pensar em me aposentar e tal, tal... tava, muitas colegas minhas já tinham se aposentado né, e... a gente trabalhou muitos anos juntas, era um grupo assim muito bom, e todo mundo se conhecia, então nós resolvemos fazer uma continuidade do nosso relacionamento, porque na delegacia a gente não ia mais se ver. Então... eu, nós resolvemos investir em ações, dá uma de louca mesmo, né... Hahaha!!

E: Nossa! Que bacana, que diferente...

C: É, mas sabe que é, foi assim, a gente tinha que fazer alguma coisa que usasse a cabeça! E aí, uma ainda deu a seguinte ideia, tem que usar a cabeça, tem que ter dinheiro no meio, porque aí todo... ninguém falta... Hahaha!

E: Muito bom, excelente ideia!

C: Foi, não foi? Aí, deu certo. Aí nos montamos uns grupos... um grupo de investidoras em ações. Então batia na porta da Bovespa várias vezes, e as pessoas nem... nem davam atenção. Uma vez o banco, nós começamos a investir, o banco Banespa cortou a nossa conta porque era muito baixa, e o banco, e dava muito trabalho, a gente punha assim, 100 reais todo mês, no nome de uma pessoa, então era um negócio mesmo... maluco, né. Aí, depois nós conseguimos, com muita tenacidade, veja se é possível, nós conseguimos registrar mesmo o grupo e colocar em um... descobrimos um estatuto, e formamos, aí nós conseguimos. Aí, evidentemente, ficou uma coisa mais organizada, porque a gente comprava as ações e tinha cada sócio, tinha sua cota, suas cotas no seu nome. Não era mais aquela história de ficar tudo no nome de um e as outras dividiam, se podia ter mais cotas, menos cotas em relação a sua colega, né. E foi, aí... foi uma coisa muito interessante, foi aí que eu comecei a aprender! Quer dizer, aprender não! A me interessar! Aí, que eu comecei a me interessar, aí foi... aí precisava, né? Aí, eu precisa, então não tinha jeito... aí foi. Ah... eu achei assim, na época, foi muito interessante, porque esse, o diretor...

presidente da Bovespa queria naquela época popularizar a Bovespa, e a gente..... porque.... ele falava que a bolsa dos Estados Unidos não quebra, porque o povo todo não cai, que o povo todo participa, não é que não quebra, não cai! E a... esses tombos que a nossa tem, né? Ela oscila menos, porque é muita gente e a população toda investe. E aqui no Brasil era uma elite de milionários que investia, né. E o nosso... e o nosso.... o senhor que.... trabalha, que era dono da corretora, falou: "eu tenho um grupo de professoras", porque ele não sabe nem quem era as professoras, então elas... ah... "tinha um grupo de professoras que fazem isto já". Aí ele falou: "ah, então chama que eu vou ver, que eu preciso... nós vamos fazer, vamos almoçar juntos!", hahahahaha. Então, eles tiveram um almoço para tratar do assu... executivo, pra tratar do assunto. Aí, ele quis nos conhecer. Ele viu que estava tudo ordem e tal, ai ele foi... nossa!! Mas nos íamos para Bovespa, minha filha, só faltava jogar tapete vermelho, porque eram as primeiras mulheres que estavam investindo.....

E: Nossa!!!

C: É!! Não publicar, a gente, nós temos lá os registros, nas propagandas, nos livros da Bovespa tudo, eles citam a gente e tal, e ele era um homem tão inteligente pra essa... fazer essa.. essa parte, esse comercial, e tinha um tino tão grande, que ele resolveu, conversou com a gente, e perguntou se a gente queria, participar de um vídeo. Que ele queria fazer um vídeo, sobre o nosso.... mas nós rimos tanto. Não!! Não na hora que fizemos os vídeos, mas depois, então você vê que eu tive um começo de aposentadoria maravilhoso, maravilhoso. Aí, fizemos o vídeo. Aí, ele lançou a campanha dele, e... levava nosso vídeo para todo lugar, e nós concordamos. A gente não foi por dinheiro, por nada, foi porque a gente tinha que arrumar alguma coisa para fazer, né! E tava achando tudo interessante, aquela paparicação toda, jornal, fomos para o programa da Ana Maria Braga, foi um negócio! Valor Econômico, saímos na capa do Valor, pois tudo ele claro, ele que colocava, porque ele queria, ele dizia, que nós éramos a prova que o projeto dele iria dar certo, olha que gracinha.....

E: Que bacana, Meire!

C: Ele era, ele era muito bacana mesmo. E eu sei que foi, a gente, depois fiz, até fiz um trabalho renumerado na Bovespa, junto a Secretária da Educação, um concurso pros.... pros os alunos, pro Estado de São Paulo inteiro, foi muito interessante. Aí, depois houve uma mudança na Bovespa, e na Secretária da Educação também, trocou secretário, aquelas coisas, então esse projeto, eles, a Secretária não deixou mais continuar, não quis mais continuar. E logo depois também ele mudou, foi outra pessoa, porque houve uma reestruturação na Bovespa e esse Senhor saiu, porque foi reestruturada totalmente a, a....foi outra organização totalmente diferente, por causa de.... de dispositivos legais mesmo que mudaram... eu sei que aí também eu aproveitei bem o começo da aposentadoria, viu? E foi ai que aprendi, foi ai que eu comecei a procurar outras coisas, a me interessar, em ver que tinha um mundo muito interessante, também que a gente pode também em dia de chuva né, que você não quer sair, então é muito bom.... foi assim...

E: Que bárbaro sua história....

C: Hahahahaha!! Ah, mais foi muito engraçado, nós riamos tanto, assim nos bastidores claro, porque a gente levou a sério o trabalho, mas nos bastidores nós riamos demais, porque nos éramos professoras, a vida inteira, e a cabeça do professor não mudou, nos éramos professores, mas a gente era tratada assim como grandes investidoras, inovadoras, veio... vinha gente aqui, aqui em casa, na casa da minha amiga, entrevistas para revistas, perguntavam se nós não tínhamos medo, e como é que foi, mas não entendo como pessoas

que estão aposentados irão começar a investir em ações!!! Hahahahahaha!!! Aí, tinha um famoso lá, não lembro o nome dele, "mas ações é uma coisa a longo prazo né, como é que vocês resolveram....", e eu falei assim "mas nós podemos chegar aos noventa, não podemos? Então qual é o problema?", mas não é verdade? Isso que eu achava estranho, a longo prazo, pra trinta anos está bom, não tá?

E: Opá!!

C: Então, aí ele... eles... mas foi muito bom, foi mais ou menos assim, aproveitei bem! Aí, depois eles desfizeram o projeto educativo, né, e nós continuamos. Eu continuo até hoje, se bem que a bolsa está uma porcaria, mas sempre dá para ganhar uns troquinhos.

E: Que quebra de paradigma, hein Meire.

C: Totalmente!!! Totalmente, totalmente, coisa de louco mesmo.

E: Que Bacana.

C: É, ah mas era para fazer alguma coisa, e também inovar né, porque a gente fazer sempre a mesma coisa... eu quando trabalhava não gostava de fazer sempre o mesmo serviço, eu gostava de mudar, ver outras... outras.... outras encrencas, vamos dizer assim para resolver.

E: Hahahah, É! boa encrenca a sua. Meire, como você faz para adquirir os equipamentos tecnológicos que você tem em casa? Você compra?

C: Ah, eu compro, ganhei do meu filho também, fora isso, cada um tem o seu aqui casa.

E: Você que escolhe? Você pega dica com alguém?

C: Não! Meu filho escolhe, porque ele é muito especializado, vou querer eu escolher?? Ele é muito, ele sabe direitinho o que é bom e o que não é bom, o que tá com bom preço, o que é oferta boa e o que não é, pra gente, eu converso sempre com ele né, quando tem que trocar, porque ele sabe direitinho onde está o melhor preço pra..... o melhor computador, né.

E: Que bacana. Meire, você faz parte de alguma comunidade virtual?

C: Não!

E: Nenhuma?

C: Não, não! Essas coisas são como eu te digo, eu não gosto que fica muito... a vida fica muito devassada, muito devassada!! E eu não gosto, se bem que eu já fui procurar meu nome no Google e fiquei horrorizada! Encontrei uma devassa da minha vida, publicações no diário oficial... nossa... está tudo certinho lá, certinho, impressionante....

E: É o privado que se torna público, né?

C: Público!! Demais, demais impressionante... impressionante!

E: Nesse aspecto, por exemplo, você tem grupos de e-mail, com...?

C: Ah sim, isso sim, com vários amigos, de várias atividades, não só essas minhas colegas que aposentaram né, mas outras também.

E: Tá, mas público assim à nível de face, instagram...?

C: Não, não.

E: Essas coisas nada?

C: Não, não, não gosto! Outro dia eu fui abrir porque eu precisava enviar umas fotos, e era muita coisa, era muita coisa, eu precisava enviar para o Rio de Janeiro, para uma amiga no Rio de Janeiro, aí eu no meio do caminho, aí ficava aquela história, isso aqui não tem problema, só saber usar... olha isso aqui da problema se você não souber usar, aí eu não quis mais.... ah para, para, para... sabe... então, porque minha preocupação é essa mesmo, de entrar gente que não sabe quem é e fica sabendo da sua vida, aí interesse, e entra porque eu já vi casos complicados, bem complicados...

E: É aquela situação de que entra no face de um, que vê o amigo do outro, que vê o amigo....

C: É exatamente, exatamente... cabô.

E: Onde você aprendeu a usar esses recursos, Meire? Você disse que seu filho ensinou muita coisa...

C: E foi, e... e foi sozinha viu, porque meu filho não é muito.....

E: Pacioso...

C: Não, ele não pode ser professor... hahahahaha...

E: Hahahaha, o filho não superou o mestre?

C: Hahah! Não!! Não!! Meu filho não pode, teve uma vez que um senhor chamou pra dar aula em uma faculdade, ele falou "mãe, o fulano lá me chamou pra dar aula na faculdade", eu não falei nada... e ele falou "ah, mas eu não vou não, porque não gosto", aí eu falei, "ah ainda bem!", porque ele seria um péssimo professor, ele não tem paciência, ele não consegue, ele não consegue ensinar. Ele põe tudo como ele sabe, e aí é para você descobrir, e não pode... sabe ele tudo assim... então ele não pega nos detalhes, não vai nos detalhes, por ele... já.. não gosta.... Então muita coisa eu pergunto para ele até hoje, mas coisas assim pontuais, depois a gente vai descobrindo também, porque o computador vai levando né, vai levando.....

E: Qual era a dificuldade, nesse aspecto, quando você precisa, sei lá, fazer alguma coisa diferente no site da bolsa? Ou em alguma outra coisa....

C: Não, não! Na bolsa só eu!! Só eu que tenho a senha, lá só eu, compro, vendo, resgato, lá só eu...

E: Dá algum medo, Meire?

C: Não! É ótimo! Mas você precisa saber, ah... você precisa conhecer a coisa, é coisa... nossa.... não, não dá, não dá... agora, você precisa saber onde pisa, nós começamos assim 100 reais por mês! Por mês, porque era uma coisa assim, se a gente perdesse você não iria jogar fora o esforço da sua vida. Ninguém vendeu nada para jogar em bolsa, não é jogar, é investir. Esse termo jogar não é certo, porque tem, ele... ele tem... umas... existem análises, tem um tipo assim, de um norteador, sabe? A coisa não é muito assim... ela não é muito rígida, ela é flexível, mas não é, você não joga no escuro, assim que nem uma roleta... não é! Sabe, tem uma forma, as próprias corretoras, elas publicam as análises, eles dão as orientações, aí você só escolhe onde você quer investir, entendeu? Então, eles fazem a análise de cada empresa, se tem, se conhece balancetes, os balanços das firmas, você atinge, então você conhece firmas sólidas, as que, aquelas que são mais arriscadas, né? Então eu sou muito conservadora, eu acho, é... então agora, por exemplo, que tá meio ruim,

eu coloquei, investi assim, em ações que eram... que dão bons dividendos. Então são firmas muito sólidas, muito sólidas, que a.... elas dão bons dividendos, elas dão bons lucros e bons juros. Então, é muito melhor que investimento em poupança, não dá nem para comparar. Agora, é a tal história, tem um pouco lá, um pouco cá, um pouco em cada lugar né, que a gente pode também levar um baile se não ficar esperta, né? Tem que acompanhar! Tem que acompanhar. Pronto, só isso.

E: Você usa então o computador todos os dias?

C: Há 14 anos eu invisto na bolsa. Ah, sim! Todos os dias eu dou uma olhadinha para ver como está.

E: Que Bacana.

C: Como está caminhando, se tem alguma que caiu... a gente, você vai pegando o jeito da coisa, então você vê mais ou menos o preço, quando uma ação está baixa, quando ela está muito alta, a gente acaba aprendendo, entendeu? A gente acaba aprendendo....

E: Nossa!

C: Aí é o ponto chave! Ponto chave do investimento, você perceber se é uma empresa sólida ou se é uma empresa que, que não tem nada de... muito arriscada né, essas muito arriscadas tem gente que fica milionária, por exemplo. Pois eu não arrisco, não arrisco porque também não tenho. Assim, ah... essa... esse conhecimento profundo, desse mercado de ações, não é também. Dá para o gasto! Eu entro e tal, mas não é de um técnico né, e tem o meu corretor também que veio da... corretora, ele também eu sempre pergunto para eles, se bem que eles tem... interessante... eles tem muito cuidado, eles nunca falam "compre, venda, faça isso, faça aquilo", eles não falam, eles colocam as opções e a escolha é sua. Porque se eles errarem, sai uma encrenca né, é a vida da pessoa que ele está pondo em jogo.

E: Aí pesa, né?

C: Ééééé...

E: Meire, eu vou falar umas frases agora, e eu gostaria que você as completasse da forma como você achar que fica mais adequado.

C: Tá bom, tá bom.

E: A primeira vez que usei o computador foi...

C: Aí, a primeira vez, foi por volta de 1978... não!! 78 não!!! Foi... é foi 78, é 1978, é!

E: Agora me deu uma curiosidade, onde estava?

C: Onde eu estava?

E: É

C: Eu tinha me aposentado, e nós estávamos nos reunindo para fazer alguma coisa nova, e como a gente tinha que procurar no computador, para nos informar, sobre entre aspas o mercado de ações, mas olha, você não imagina, foi uma loucura, foi uma loucura, mas a gente levou mesmo a coisa na leve, bem na leve. Acho que foi por isso que até deu certo... então aí, eu comecei a perguntar coisas para o Juliano, a ver que não ia dar para fazer um curso com ele, sabe... hahahahah e ia tentando também, foi ai.

E: A primeira vez em que usei um celular foi...

C: Ah, celular... eu nem lembro... ai celular não lembro... tinha uns tijolões assim, foi logo que saiu.

E: Foi bom, foi ruim, foi difícil, foi...

C: Não, o celular é muito bom. Acho que ele é bom assim para uma emergência. Agora eu não fico dia e noite com o celular na orelha, que tem gente aliás, tem muitos jovens que fazem isso, o dia inteiro com o celular na orelha, então eu gosto assim do celular, quando eu saio de casa, quando eu saio sozinha, de repente quebra um carro você precisa de um socorro, então eu gosto assim, porque ele dá um certo apoio de segurança, né? Mas não fico também batendo papo, o dia inteiro assim não dá, não consigo, isso não dá....

E: Quando precisa....

C: Nem no facebook, né, não consigo ficar no nenenenen... assim também não dá.

E: Quando preciso encontrar alguém que não está por perto uso...

C: Ah... encontrar alguém? Ah eu uso ou celular ou o fixo, que... e-mail já é mais difícil, já tentei também por e-mail, já obtive resposta.

E: Uhummmm.

C: Já também... é isso ai.

E: Então normalmente você usa...

C: Eu uso para entrar em contato assim uso, uso...

E: Um aparelho de celular para mim significa...

C: Ah, um meio de comunicação, um meio de comunicação.

E: O que eu mais gosto em um computador é...

C: Ah, eu gosto da internet, a internet!! Ah, eu sou vidrada na internet, eu acho uma maravilha!

E: Muito bom! Não usar o computador significa...

C: Uma limitação. Uma limitação, quer dizer são... é um campo novo onde você pode entrar né, é uma coisa nova, diferente, você pode entrar. Eu acho uma limitação.

E: A internet serve nos momentos...

C: Humm a internet serve nos momentos..... não , é nos momentos que eu quero... quando eu quero né.

E: Tem algum momento Meire, além da exposição da vida privada, que você acha a internet inconveniente? De alguma forma?

C: Não, não vejo nada mais inconveniente... e acho que deve ser usado sim todos os recursos, deve ser usados! Inclusive espionagem internacional, tá ai é para usar...

E: Hahahahah! Boa! Hahahaha....

C: Tá ai é para usar!!! Agora ó negócio é você se defender, outro se defender, você não sabe que ele vai usar? Qual é o problema de usar? Eu vou xeretar! Agora se você, é a tal história se você não quer tua vida particular devassada se previna, se cuide, agora achar

ruim, brigar, e não tomar uma decisão diplomática, não atuar de uma forma diplomática, brigar, como está fazendo a nossa querida Presidenta, então não dá! Não dá, aí já não dá. Eu acho que tem que usar sim.

E: O celular serve nos momentos...

C: O celular.... também que a gente assim, eu acho que de emergência, viu? Sabe, de emergência, uma necessidade que a gente tem, ele é... ele é bom, ele não é uma coisa descartável, não é.

E: Bom, já que você não usa o facebook, eu vou pular as perguntas do face, tá?

C: Sim.

E: O uso do celular por mim, para minha família, significa quê? O que seus filhos acham ou como é isso para seus filhos?

C: Eles acham bom, acham bom, porque se eu saio com o celular, eles me ligam ficam entrando em contato, às vezes, eles ficam preocupados, não sei o quê, sabe assim, mas a gente se localiza, eu acho bom, é um contato que se localiza mesmo longe, né? Eu acho o celular muito bom.

E: O uso do computador por mim, para minha família significa que....

C: Para minha família... a eles acham que... é uma coisa... é o óbvio, que todo mundo tem que saber, então entendeu... é o óbvio.

E: E aí, eu faço uma pergunta extra, você acha que é conflitante isso entre, por exemplo, a geração de pais e filhos, considerando, por exemplo, seu filho de 30 anos que trabalha com isso, vive com isso....

C: Ah não, ele é fissurado, nisso.

E: Para ele se você não usa isso é conflitante? Ele pega no seu pé...?

C: Quando ele era pequeno, eu achei que era. Ele não se conformava dele... da mãe dele, dele ter uma coisa tão preciosa para usar, e a mãe não usar, porque eu via que ele tinha interesse em que eu... que... ele tinha interesse, ele queria mostrar o interesse e a importância daquela... daquela coisa sabe? Aí, depois eu fui começando a... aí a coisa ficou normal, hum... normal, como qualquer outra coisa né, como qualquer outra atividade.

E: Entre um grupo de amigos, usar o celular significa....

C: Comunicar, comunicar.

E: Entre um grupo de amigos, usar a internet significa...

C: Significa..... entre um grupo de amigos usar a internet..... ah, uma facilidade de comunicação também, né! É muito fácil! Você dá um e-mail, um e-mail e pummm vem tudo na tua mão, muito fácil, acho que é facilidade, viu?

E: Considerando seus amigos hoje, Meire, principalmente porque você tem uma história inovadora....

C: hahahahaha

E: Tem amigos seus que encontra dificuldades em usar esses recursos, reclamam de alguma coisa, de cobranças?

C: Muito poucos. Tem uma que ... "não entendo nada dessas coisas de e-mail não sei o que", mas é uma que eu me lembro, uma..... duas... duas... essa resistiu viu, ela resistiu. Ela... até o concurso ela fazia, mas se tivesse alguém que fizesse por ela, na.... o marido dela acabava fazendo por ela, ela resistiu, e ela não quis saber não, duas que eu conheço assim, que eu me lembro, pode ser que tenha mais, mas que eu me lembro assim de amigas, duas... resistentes.

E: Você acha que elas resistiam eram....

C: Era uma pena, porque....

E: Medo, dificuldade?

C: Não, eu acho que é... por quê? Porque não gosta mesmo! É uma questão de, às vezes, a pessoa ah... se dá bem numa atividade e não dá na outra, então não gosta de lidar com máquina. Eu não sou muito de lidar com máquina não, mas no caso da internet, do celular, não tem como, aí a gente tem que aprender mesmo, não tem como, aí... Aí você tem uma necessidade, você fica isolada, você fica limitada muito! Os dias de hoje limita demais... limita demais, eu acho que tem que saber sim! Tem que entrar nessa, porque se não fala? É como se você não falasse, não sabe falar? Não tem jeito, é, virou necessidade né, virou necessidade.

E: Como é que você vê hoje, por exemplo, essas televisões que faz tudo, você fala com outro pelo Skype na televisão?

C: Ah eu acho, maravilhoso.

E: Usaria uma dessa?

C: Eh..... se tivesse necessidade usaria, porque eu também sou bem acomodada viu.... hahahahah!!!

E: E aí o que você nomeia como necessidade?

C: Ah.. alguma coisa que seja importante para mim. Uma coisa que seja importante para mim, ah eu resolvo pode deixar comigo.

E: Que bacana, Meire, minhas perguntas acabaram, de uma maneira geral, foi um prazer ouvir sua história..

C: Ahhh que bom...

E: porque é muito diferente encontrar uma pessoa com seu vigor, e com sua história de quebras de paradigmas...

C: Foi mesmo....

E: Vindo da área de educação, investir na bolsa, ser as primeiras mulheres professoras que ousaram fazer isso, bárbaro....

C: É, não, mas nós somos registro, foi tão interessante, porque depois, ah... houve, quando aquele, o presidente da Bovespa resolveu implantar mesmo o programa dele, ele usou o nosso vídeo para captar investidores, grupos, grupos de ações, porque nós formávamos grupos, o que ele queria era isso grupos, não era investidores isolados, ele queria pegar pequenos investidores, formar um grupo, que juntava uma quantia boa que comprava a ação, entendeu? Ele fez isso, e ele... nossa formar....ele né, ele formou milhares, milhares de grupos, aí depois teve um... começaram outros grupos e dentro do projeto dele, nós não

somos o primeiro, porque nós somos anteriores ao projeto dele, nós somos a primeira da Bovespa, porque nós não fomos pelo grupo dele, entendeu? Porque o grupo dele começou depois, e para ele aquilo foi um filé mignon, e ele falava, "olha pra esse... o grupo de vocês é a prova viva que o meu projeto vai dar certo, porque é exatamente o que eu quero", mas ele, olha, ele fez uma propaganda... ele tinha... uma... um tino assim para essas coisas, impressionante! Eu fiquei impressionada, impressionada, que coisa assim macro, sabe? Brasil coisa assim, jornais, ele chamava pra... uma vez ele chamou os jornais para uma coletiva, e falou para nós que nós tínhamos... um... um.. que ele iria dar uma almoço da Bovespa e que ele ia lançar o projeto dele e que nós estávamos sendo convidadas, olha como é, como é a cabeça de quem sabe fazer as coisas! Naquele dia ele lançou, ele ia lançar o projeto dele, aí, ele começou a... a... ele começou a aparecer, o grupo começou a aparecer numa revista, numa coisa numa outra.... aí... ele também já "thutchuthcuthcuctu" com a imprensa. Então a imprensa caiu em cima dele que queria entrevistar essas professoras, que queria conversar com o grupo, que não sei o quê, aí ele negociou, olha, com o Valor Econômico, porque não foi coisa pouca, porque é tudo macro lá... ah, com o Valor Econômico, é o seguinte, que ele daria uma entrevista, assim, só... exclusiva pro Valor, nós daríamos, desde que eles publicassem na revista... na capa e no dia tal, que era o dia do lançamento do programa dele.

E: Que bem bolado!

C: Aquele dia, quando os outros re.... e ele convocou naquele dia uma entrevista coletiva na Bovespa, foi até Reuters, tinha imprensa internacional, nacional, você não imagina, você não imagina, tinha imprensa que eu nem que sabia que... que... nem conhecia... pequena, gente menor, e tinha também a Globo News, a Globo... hahahah. Aí, a Globo montou um aparato lá, que ninguém tinha, só eles e... e... nós chegamos, aí eu... eu cheguei lá em embaixo, as meninas não vinham, as minhas amigas não chegavam, não chegavam, eu acho desagradável chegar atrasado, em cima da hora eu subi para dizer que nós estávamos lá, e eu fui logo a primeira, mas eu cheguei aquela imprensa inteira, e muito homem... mulher não frequentava a Bovespa, olha que interessante!!! Não frequentava, era ave rara lá dentro! Então eu cheguei, conforme eu cheguei, já tinham... os reportes já tinham lido o Valor Econômico, é a capa, já tinham visto aquela entrevista, então vieram, será que a senhora poderia me conceder uma entrevista... na hora.... hahahahahah. Não, dava... depois a gente se reunia e nós ríamos, mas foi maravilhoso sabe, porque a gente realmente levamos aqueles cinco minutos de fama numa boa, curtimos, entendeu? Curtimos, e a gente sabia porque a gente estava tendo, porque na realidade a gente entrou naquela por acaso, né... naquela, naquele esquema, e uma pessoa assim que tava, que tinha poder na mão que era o presidente da Bovespa, e se interessou e estava precisando, então a gente sabia de tudo isso né, a gente sabia que nós éramos professoras que tavam tentando fazer uma coisa nova, ponto. Mas aí, o jornal... aquilo... eu... eu tenho ainda várias.... fotos antigas que eu acabei guardando, deve estar enfiada aí em algum lugar que eu já... mas foi muito interessante, foi muito bom. Então, nós fomos realmente as primeiras, antes do primeiro grupo que se formou, com o projeto dele, que era mulheres em ação, sabe o que ele falou quando ele viu que só tinha mulheres no grupo, ele falou "gente as mulheres são melhores investidoras do que os homens", e começou a captar as mulheres, ele queria... o nome do projeto foi "Mulheres em Ação", olha...

E: Nossa!

C: E começou com as mulheres, e começou a formar grupos só de mulheres. E formou muitos grupos, e depois entraram outros, inclusive os homens entraram nos... nos... nos grupos que estavam se formando que eram de mulheres, foram acrescentando né, porque iam acrescentando, ia se juntando, associando tal nos clubes né, que já existiam de mulheres, mas olha o programa dele, foi "Mulheres em Ação"...

E: Para você ver o impacto do exemplo de vocês!

C: O impacto!!! Mas foi uma coisa assim, tão interessante, porque a gente não fez com a intenção de fazer impacto, não fez com intenção nenhuma. Nós queríamos nos continuar nos reunindo, manter o nosso relacionamento, assim, porque era tão bom, a gente trabalhava e vinha em um relacionamento muito bom há muitos anos, então a gente queria continuar, e nós continuamos mesmo, nós continuamos mesmo. Mas nós rimos muito! Nossa, foi ótimo. Foi muito bom! Hahahaha, foi muito bom, viu! Porque a gente tava bem, bem consciente do que, desses... dessas... dessas... coisas assim que apareciam no Brasil inteiro, na revista Veja, se... televisão? Nós fomos para todos os canais, todos os canais, nós fomos entrevistados, e era ao vivo gente, ao vivo, porque entrevista assim de... quando a pessoa vem, um jornalista, se você fala alguma coisa lá meio fora eles cortam...

E: Uhummm

C: Eles dão uma boa editada né, na coisa, mas ao vivo não, então a gente precisava... nossa dava... primeira... ao vivo deu uma certa preocupação né, com o que eu ia falar e tal, mas depois, a gente depois... eu falava o simples e é o que a gente fazia e acabou...

E: Excelente...

C: É foi, muito bacana mesmo, né?

E: Como dizia Osvaldo Montenegro em uma de suas músicas, "o essencial é o simples"...

C: É o simples! Olha é o simples... é isso mesmo... é isso mesmo viu.

E: Meire, agradeço muito a sua disponibilidade por compartilhar a sua história...

C: Não, eu que agradeço você ficar ouvindo aqui as histórias....

E: Nada! Compartilhar um pouquinho da sua história, já foi muito rico para me ajudar.

C: Que bom.

E: Agradeço muito. Encerro hoje essa entrevista no dia 20 de Setembro, com a participante Meire. Muito Obrigada, viu Meire.

C: Eu que agradeço.

## TRANSCRIÇÃO PARTICIPANTE 2

Entrevistadora: Hoje dia 25 de Setembro, vou entrevistar a Vilma, I. G. M.. Vilma diga para mim, qual é a sua data de nascimento?

Vilma: A oficial ou a do documento?

E: A do documento, por favor.

I: 29 de Agosto de 1941.

E: Escolaridade, Vilma?

I: Olha, equivale ao colegial, porque eu fiz técnico, né.

E: Ah, sim.

I: Fiz, ah... contabilidade técnica.

E: Nossa, que bacana.

I: Porque naquela época...

E: Naquela época equivalia como uma faculdade.

I: É. Exatamente! Hoje em dia é como o colegial, né? Olha lá, ou como o ginásial talvez. Se bem que o ginásio e o colegial hoje em dia está tão fraco, que eu acho que dou aula para faculdade.

E: Verdade, viu Vilma. Não duvido não. Estado civil, Vilma?

I: Viúva.

E: Viúva. Você disse que tem dois filhos. Casal, né?

I: Uhum.

E: Tem netos?

I: Tenho cinco. E um bisneto a caminho.

E: Ah, que beleza. Mora com quem, Vilma?

I: Sozinha.

E: Qual a sua fonte de renda?

I: Eu sou pensionista.

E: Por causa do trabalho, eu preciso saber mais ou menos, quantos salários mínimos você ganha, para poder te classificar numa....

I: Ih, agora você... eu vou te falar o total e você faz, porque eu nem sei quanto está o salário agora, porque... É, mil trezentos e trinta e seis.

E: Tá.

I: Dá dois salários, né?

E: Uhum.

I: Dois, né? Miséria, né?

E: Já trabalhou, Vilma? É uma vergonha para o nosso país, não é?

I: Pois é.

E: Mas enfim. Já trabalhou?

I: Eu trabalhei... quer ver, um ano e sete meses só. Só. Na minha vida.

E: Como o quê?

I: Eu trabalhei na Sulamérica Seguros.

E: Fazendo o quê, Vilma?

I: Escritório. Eu era datilógrafa.

E: Que bacana, né. E por causa do computador essa profissão deixou de existir.

I: Pois é.

E: Que pena. Trabalha atualmente com alguma coisa, atividade?

I: Não. Eu faço assim, agora é mais assim, um pouco assim, pra... para ajudar a minha neta que ela é, ela faz Jiu Jitsu, e ela não tem uma renda. Agora ela conseguiu uns patrocinadores, mas ó (passou um dos dedos na testa, com a expressão de algo trabalhoso) foi suado. Então até então, e daqui para frente eu vou continuar ajudando, então... eu e a minha nora que é esteticista, nós hã, tivemos uma ideia de fazer umas almofadas terapêuticas. Então, uns roletes, coisas de coluna, de olho, que é com ervas medicinais dentro. Então, a pessoa sente dor, aquece aquilo no microondas, se quiser para ajudar ainda melhor passa uma pomadinha e aquece, é como tirar com a mão. Porque aquelas ervas medicinais elas agem.

E: Nossa!

I: Então é isso que eu faço. Hoje de manhã inclusive eu estava costurando.

E: Que bom.

I: É isso que eu faço para me distrair. Leio! Ahm... vejo televisão, vou fuçar no computador (risos).

E: Almofadas terapêuticas. E você costura!

I: É! Com costura!

E: Que bacana!

I: É, legal! Se quiser depois eu te mostro uma que está pronta.

E: Sim, terei o prazer de conhecer. Vilma, no seu dia a dia você tem acesso aos seguintes recursos: Tevê?

I: Sim.

E: Telefone fixo?

I: Tenho.

E: Celular?

I: Tenho.

E: Computador?

I: Tenho.

E: Tablet?

I: Não.

E: Internet?

I: É... computador sim.

E: Uhum. Quais destes recursos você utiliza: Tevê você acabou de me dizer que assiste tevê. Telefone fixo?

I: Bem pouco. Bem pouco.

E: Ahã. Celular?

I: Também, bem pouco.

E: Computador?

I: Hum, aí sim! (Risos)

E: Tablet não?

I: Não.

E: Do computador por causa da internet?

I: É!

E: Tá. Considerando a internet, você tem ou usa Facebook?

I: Uso e como!!!

E: E-mail?

I: É eu tenho, mas só que eu ainda não sei mexer não, mas...

E: Acessa Blog de outras pessoas para ver o que elas comentam? Sites, por exemplo, de culinária?

I: Ahã, claro.

E: Usa, por exemplo, aplicativos de mensagens instantâneas, como Skype?

I: Isso eu não sei mexer ainda não, nessas coisas ainda não.

E: Perfeito.

I: Eu tô te falando que eu tô ali, hein.

E: Está caminhando! Muito bem, Vilma. Você encontra alguma dificuldade para usar esses recursos? Se sim, quais?

I: Não. Nessas coisinhas que eu mexo nenhuma. Nenhuma.

E: Nenhuma dificuldade?

I: Nenhuma. Magina!

E: Que bom! E as que você não tem acesso, que você acaba não usando? É por não conhecer ainda?

I: Não, é por não conhecer ainda. Porque, quem está devagarzinho me ensinando é o meu neto. Ele vem uma vez por semana aqui em casa. E nem sempre ele está disposto, você está entendendo?

E: Ah...

I: E quando a gente está aqui, "ensina isso para a vovó?". Aí, a gente vai lá e ele dá uma explicaçõzinha. Às vezes eu entendo, às vezes não entendo, então fica para a próxima semana. Por isso que está sendo uma coisa mais demorada. Mas eu chego lá.

E: Não tenho dúvida!

I: (Risos)

E: Você usada algum desses recursos para falar com amigos ou familiares: telefone fixo?

I: Uso.

E: Celular?

I: Uso.

E: O computador?

I: ãh!!! E como!!!!

E: Com a internet, né?

I: É!

E: Tablet não?

I: Não. Não tem.

E: Tá. Deste daqui, para falar com os amigos e familiares você usa o Face?

I: É!

E: E-mail?

I: Não, não sei mexer ainda não, bem.

E: Perfeito. O Skype você disse que também não mexe ainda... Em quais outras situações você utiliza esses recursos da internet ou telefone?

I: Ah... pra telefone só para conversa mesmo, assim rápida, porque pra saber, por exemplo, das minhas netas, que estão sempre no computador e não no telefone, então eu converso com elas pelo Face. Entende? Eu entro, elas estão lá, eu clico na janelinha, sabe aquela janelinha?

E: Sim.

I: Eu clico ali, para ninguém ficar sabendo da nossa conversa.

E: Perfeito.

I: Então, agora pra... telefone é só assim todos os dias com os meus filhos para saber como vai... uma coisinha mais light. Agora para conversar mesmo, uma conversa prolongada é pelo Face.

E: Ahã. Com os amigos e familiares, mas você faz mais alguma outra coisa pelo Face, por exemplo, encontra outras pessoas...

I: Ah, sim!! A gente adiciona amigos, passa a conhecer. Responde... é tão gostoso! (Risos)

E: Chega a marcar algum passeio, coisas...

I: Não, ainda não! Não tive essa chance ainda não. Essa chance de marcar assim, passeios pelo Face ainda não. Ainda não tive.

E: Tá, então você usa mais o Face para comunicação?

I: É! Exatamente. Pra me distrair, né?

E: Precisa, né?

I: Nossa, e é tão gostoso. A gente senta ali, e ali ó passa (fez gestos de estralar os dedos em sinal do tempo passando rápido) que a hora, você nem vê. Voa!

E: O que você mais gosta no Face?

I: Olha, é entrar mesmo e conversar com meus amigos, com as minhas netas, com a minha filha. Meu filho não porque ele nem tem Face, porque ele não gosta dessas coisas, sabe? Então, (risos), então, mas eu mando recado pra ele pelas meninas, e... ficar sabendo das novidades. Nossa!! Tem tanta coisa. Nossa... Pedido de ajuda, às vezes, pra gente partilhar, compartilhar, né. Que, às vezes, uma pessoa precisa de uma transfusão de sangue, outro precisa de uma outra coisa, a gente vai espalhando a notícia, né. É assim que eu...

E: Então você acaba participando dessas redes...

I: Ah, sim, sim! Eu participo. Procuro participar do meu jeitinho, com pouquinho de saber, mas...

E: Que bom!

I: Eu tento. Pelo menos eu tento! Se não dá certo eu não sei.

E: Vilma, como você faz para adquirir esses equipamentos tecnológicos? Você os compra ou as pessoas te dão de presente?

I: Olha, o computador foi assim: até há três anos atrás, eu ficava com meus netos aqui, os filhos da minha filha que são menores. E então, era um tal, menina, deles precisarem de computador para trabalho, e para não deixar, depois que ela, depois de um dia de trabalho, ela voltar e pegar as crianças, ter que fazer janta, arrumar a casa, que não era empregada todos os dias que ela tinha, então, era complicado para ela. Então eu pensei, "ah não, quer saber de uma coisa, vou comprar um". Aí, aconteceu do meu genro, num sábado minha filha ligar pra cá e eu comentei isso com a minha filha, eu falei: "eu vou comprar. Final de semana nós vamos sair e eu vou comprar um computador", porque cada vez que eles precisavam de alguma coisa eu tinha que pedir para a vizinha, para quem tinha. Eu ficava sem graça, é lógico. Aí bom, comprei o computador. Foi por causa das crianças. Aí, logo em seguida, minha filha fez uma cirurgia na coluna e não teve mais possibilidade de voltar a trabalhar, que ela ficou com... Agora não, graças a Deus, já fazem três anos, a sequela que ficou, que demorou bastante tempo para passar, impedia ela ficar, dela trabalhar, porque ela não podia ficar muito tempo sentada, muito tempo em pé ou muito tempo deitada. Tinha que... né. E você sabe que quem trabalha fora, ela trabalhava lá na Abril e lá ela ficava o período todo, oito horas sentada. Não dava certo. Aí travava a coluna outra vez, mesmo com a cirurgia. Aí bom, aí ela, como se diz, sabe... saiu do emprego, fez um acordo lá. Aí ela assumiu as crianças e eu fiquei com o computador. Foi daí que a Vilma começou a botar as asinhas de fora. (Risos) Falei "não! Táí, agora é meu. Comprei". E foi assim a história do

computador foi essa. Agora o telefone foi da época do meu marido, ele comprou, televisão também, né. E o que eu adquirei mesmo, por mim mesma foi o computador.

E: Celular também?

I: Não, celular... ahhh... esse aqui que eu estou usando agora foi o meu filho que deu de presente.

E: E usa?

I: Uso! Nossa! É, quando você vai no médico, quando você sai. Mesmo porque, eu sou monitorada! (Risos)

E: Jura!?

I: Ah, se liga pra cá e eu não atendo, eles ligam imediatamente pro celular. Se eu não atender o celular, pode ficar sossegada que tá os dois aí na porta a hora que eu chegar.

E: Que beleza, hein, Vilma?

I: Nossa....

E: Você acha que isso por um lado acaba sendo um cuidado ou uma restrição?

I: Olha, uma vez eu dei uma bronca mesmo por causa disso, porque estava demais. Mesmo porque eu tenho impressão que é em decorrência do meu problema de saúde. Acho que eles tem medo e pela idade também, porque eles sabem que eu sou "traquina" pra caramba. Sabe? Eu sou de subir muro para pegar fruta, eu sou de subir em escada para tirar lustre. Então eles morrem de medo, sabe... de que eu faça alguma besteira e me arrebente e não tenha como pedir socorro. Em parte é isso. Mas uma vez eu estava nervosa e falei "ah, eu não posso dar um pulo fora de casa gente, que quê é isso?". Estava os dois aí, a vizinhança toda aí, e eu tinha ido sabe aonde? Ali na padaria. Não... mas eu...

E: (risos) Só faltou a polícia!

I: Só faltou!!! Agora quando eu saio eu já faço assim, eu ligo para a minha filha que ela é a mais estressada. Se ela não me encontra ela liga para o irmão, para o irmão vir aqui.

E: Eles moram no bairro?

I: Não, ela mora ali na, no Cruzeiro. Lá pra Freguesia do Ó. Ele mora aqui embaixo, perto da... Jardim... como chama? Piri... Ah, esqueci o nome! Perto da padaria Flamboiam, ali em baixo, nessa avenida que tem ai embaixo. Não é que seja mais perto pra ele. É porque ele não tem as crianças. Os filhos dele já estão adulto, tanto é que ele já vai ser avô. Então ele tem tempo mais disponível e ele trabalha na rua. Qualquer coisa ele vem aqui em casa. Então, eu ligo e falo assim: "olha filha, eu vou em tal lugar, vou sair. Se é o caso você liga.. ou eu já estou em tal lugar... "Leva o celular!". "Já está na bolsa. É... pra você não mandar a Polícia Federal atrás de mim, tá bom?". "Tá mãe, você é chata!". (Risos) Então eu acho que em parte é cuidado, mas essa proteção demais, desprotege, né! Eu falei "eu não quero ficar insegura. E você estão me deixando insegura." Não quero! Custei tanto para ser o que sou agora! Foi duro quando o meu marido faleceu. Eu era uma insegurança só. Que eu não sabia caminhar sozinha, sempre com gente protegendo, protegendo, fazendo tudo pra mim e coisa e tal. Quer dizer, você não... "Aí custou para eu aprender e vocês estão querendo tirar? Não tira não!". (Risos)

E: Há quanto anos você é viúva?

I: Vai fazer dez anos agora em outubro. Dez anos.

E: Seus filhos ainda moravam com você ou não?

I: Não! Já eram casados. Já eram casados, quando ele faleceu era só eu e ele. Por isso foi meio difícil de encarar. Então... eu superei! Graças a Deus eu superei. Sabe... porque eu tenho consciência de ter feito a minha parte bem e muito bem. Então... né?

E: Bacana. Vilma, seus amigos usam esses recursos tecnológicos de informação e comunicação?

I: Hum... olha, alguns! A maioria liga. A maioria liga. Alguns porque nem todos... os da internet tem... eu tenho os que têm internet e os que não têm. Os que têm a internet a gente se fala pela internet. E os que não é pelo telefone.

E: Você acha que tem alguma resistência, alguma dificuldade para ter ou usar ou falta de curiosidade?

I: Eu acho que só pessoa acomodada mesmo, viu? Pessoa que não tem vontade ou que... não sei. Porque eu acho tão fácil. No início eu achava que, sabe, que não conseguia controlar o raio do mouse (risos), então eu ficava muito brava comigo, sabe... mas... eu acho que é tão fácil gente. Não é tão difícil. Não tem nenhum bicho. O meu (risos), o meu neto no início falava "vó assim!" e eu ficava com medo. "Vó ele não vai te morder, ele não vai te morder!". (Risos) "Pode fazer que não te morde!". (Risos)

E: Que bom!!!

I: Então aí foi... sabe! Mas eu acho a maioria das pessoas é assim, falta de curiosidade, de vontade mesmo, sabe!? Nós fizemos, eu, eu... digo nós porque eu e a minha vizinha ali, abriu um cursozinho, tem uma biblioteca aqui embaixo, então tem aquele cursozinho de uma semana, mas você não aprende... se você não entende um tiquinho, você não acaba aprendendo absolutamente nada! Primeiro! O outro, a segunda, o computador é aquele que foi inventado primeiro, sabe? Primeiro computador? Tá ali! Então, você aprende a pintar, mas é para, eu acho, que é pra coordenação motora no mouse, né. Então, uma coisinha assim, que em uma semana não dá para você captar nada, nada, nada! Aí, nós fizemos. Aí eu pensei "Não!". Aí eu pedi para o meu neto me ensinar. Eu falei "Não! Eu vou aprender, ué! Não aprendi de um jeito, vou ter que aprender de outro. Eu não sou burra gente! Que quê é isso?". Aí, ele foi me ensinando. E a minha vizinha ela parou. E o marido dela mexe no computador pra caramba. Quer dizer, ela não aprende porque ela não quer. E eu falo, eu falo sempre pra ela, "Vem Nina! Já mexeu?". Agora eu desisti, porque já faz tempo que a gente fez isso. "Como é que é?". "Ah... eu não quero mais saber dessas coisas não! Não quero saber dessas coisas não!". Então...

E: Você acha que facilita a sua vida? De alguma forma?

I: Ah... eu acho que... não é bem facilidade. Eu acho que distrai! Porque facilidade seria seu eu já, já soubesse, por exemplo, pagar conta. Entendeu? Uma, eu tenho um pouco de insegurança nesses, nesse pouco ... porque como eu não entendo praticamente nada, eu tenho medo de fazer alguma... você sabe que hoje em dia está meio perigoso mexer. Não está? Então eu acho que é isso que me dá insegurança. Mas, eu acho que é muito gostoso. Prático assim, no sentido de eu querer saber uma receita, de eu procurar saber... eu entro muito no Google para me informar de coisas. Nossa, eu sou muito curiosa. Se aparece alguma palavra que eu não conheço o significado, ah minha filha, eu vou no dicionário, não

tem, é Google mesmo! (Risos) Então, então é assim. Eu acho que facilita nesse ponto. Facilita sim! Facilita sim. É muito gostoso.

E: Que bacana! Vilma, você disse... a minha pergunta é uma coisa que você já respondeu, né. Você faz parte de uma comunidade virtual, o Facebook.

I: Ahã.

E: Seus amigos e parentes também fazem.

I: Fazem, fazem. Fazem sim.

E: Você entrou no Face mais pra ter um perfil para procurar as pessoas ou para se comunicar com a família?

I: Não, esse negócio de Face foi uma coisa interessante. Ah, assim que eu comecei a aprender, estava a minha filha aqui, a minha neta, uma das minhas netas e a minha filha falou assim, "mãe eu vou fazer esse negócio do Face aí..." ela falou, usou o termo técnico lá. A minha neta deu um pulo desse tamanho (apontou com a mão uma distância de quase um metro do chão). "Você está louca, tia!?". Aí ela falou "porquê?". "Magina a vó com essa idade ter Facebook???". Ai, minha filha...

E: (Risos)

I: Hum... "Por quê, Gabriela? Por que a vó com essa idade?". "Magina, não tem graça! Isso daí é coisa pra jovem". Eu falei "Gabriela, o que que você tem medo? De eu arrumar namorado pelo Facebook?". Eu falei "Olha minha filha, uma, eu vou te falar com franqueza!", porque é uma ciuemeira, menina. É uma ciuemeira aqui em casa que eu vou te contar. Aí eu falei "olha aqui minha filha, eu vou te contar, vou te dizer só uma coisa. A tia vai fazer esse Facebook pra mim e eu vou entrar, eu vou usar! Porque eu tenho o mesmo direito que você! Não importa a minha idade. Eu vou ver uma utilidade e você vê outra. Entende? E outra coisa, se eu quisesse arrumar namorado, não precisa disso e nem da sua permissão." Aí ela ficou desse tamaninho (apontou com a mão uma distância menor de um metro do chão).

E: Quantos anos ela tem?

I: Agora ela tem vinte.

E: E nessa época ela tinha...?

I: Hum... ela estava com dezessete. Dezessete. (Risos) Nunca mais! Hoje em dia a gente conversa pelo Facebook. Agora ela não acha ruim, sabe.

E: Que interessante!

I: Viu!?

E: A vida dá voltas, né?

I: Dá!!! É só você saber, né?! Botar as pessoas no lugar. Porque eu não gostei do que ela falou. Não gostei mesmo, fiquei chateada. Ah... né? (Risos)

E: Às vezes, a gente julga a pessoa...

I: É...

E: Pela idade, pela cor, pela aparência e não sabe que recursos ela pode ter...

I: É, não sabe, né! Pois é!!! Não... ela achou um absurdo eu ter Facebook! Magina, na minha idade, ter Facebook? Isso é coisa de jovem! E eu, "ah tá! Ah, tá bom! Tá certo!!! Coisa de jovem, tá bom!".

E: Vilma, você já me contou um pouco como você aprendeu, poderia repetir então, onde você aprendeu usar esses recursos? E quem te ensinou?

I: Meu neto. Aprendi com o meu neto. Fiz um pequeno curso, mas como te falei, não deu para captar nada, entender nada para... sabe? Porque o professor também tinha uma sala, uma sala que se ele fosse dar atenção, era meia hora, um hora de curso... mas se ele fosse dar atenção para cada uma, não... entende? Então, ele punha na lousa lá, entendeu, entendeu, não entendeu... . Também era uma coisa assim mais para passar tempo, sabe. Não era, acho, realmente para ensinar, pra... pra... Eu saí de lá sabendo o tanto quanto eu entrei (risos). Aí, foi aqui mesmo, através do meu neto. E uma dessas minhas, dessa minha neta que vai ter o neném, na época ela estava nos Estados Unidos. Ela foi fazer, ficar seis meses lá, né, para aperfeiçoar o inglês. Então, a gente conversava. Eu conversava com ela. Era maior sério, todo dia! Eu acompanhava a vida dela lá pelo Face. Não é uma coisa ótima, maravilhosa!!? E muita coisa que eu tinha de dificuldade, ela me ensinava de lá.

E: Pelo Face?

I: Pelo Face! Ela me ensinava de lá. "Não vó, você faz assim, assim, assim... Você vai aonde tem aquele sinalzinho...", assim, com toda paciência. Quer dizer, o que eu aprendi mesmo, eu devo a esse minha neta e ao meu neto. Foram eles...

E: Você aprendeu a usar o Face pelo próprio Face?

I: Pelo próprio Face.

E: Com a sua neta nos Estados Unidos!

I: Com a minha neta nos Estados Unidos!

E: Que bárbaro!!!

I: Legal!!!! Né? (Risos)

E: E se eu conto isso para outras pessoas, supostamente da sua idade, não acreditam.

I: Pois é, menina! Eu acho que é uma coisa que ajuda tanto! Ajuda a memória, sabe!? Você fica ágil! Você mexe com os dedos, então é uma forma de exercício. Porque tem muita pessoa que tem problema na articulação e coisa e tal. Mas eu acho que, se você, sabe... mexer com os dedos já evita um pouco. É uma forma de exercício isso! Mental e físico.

E: Ainda mais você, que tinha curso de datilografia. Deve digitar que é uma beleza!

I: Não, nem tanto. (Risos) Nem tanto. Já perdi, porque depois de tantos anos, minha filha, sem mexer, né. A gente vai perdendo, né? Porque depois que me casei era... eu fui dona de casa só, mãe e esposa.

E: Tudo isso! Só não! Tudo isso! Porque dá trabalho!

I: (Risos) Ôh! E como! É verdade! É verdade!

E: Vilma, esse seu filho que te ensinou, quantos anos ele tem?

I: Meu neto.

E: É, seu neto. Me desculpe.

I: Ela está, ele fez dezesseis anos agora em agosto.

E: Uau, que bacana! Muito bom! Vamos continuar. Agora eu vou falar pra você, Vilma, algumas frases e eu gostaria que você as completasse. Como, por exemplo, a Marília Gabriela faz. Eu falo uma frase e você complementa daí. A primeira vez em que usei o computador foi...

I: Foi... foi... Você quer saber data??? A primeira vez que você usou o computador foi... pera um pouquinho.... deixa eu lembrar... É... foi pra... é... Foi para falar com a minha neta nos Estados Unidos. Foi. Que ele me deu uma noção, ele veio aqui em casa, que ele me deu uma noção e ela já estava lá, assim que ele foi embora, eu pensei "eu vou tentar chamar a Marcela!". E eu consegui! E ela respondeu.

E: Que bom! A primeira em que usei o celular foi...

I: Vish... faz tantos anos, bem! A primeira vez foi... ai... Ah, foi... não é muito agradável não... Foi quando eu tinha levando o meu marido para o hospital, as pressas e eu... tive que avisar os meus filhos, que ele estava hospitalizado, que ele estava tendo um problema cardíaco. Não foi bom.

E: Quando preciso encontrar alguém que não está por perto uso...

I: O Facebook. (Risos)

E: Muito bom! Um aparelho de celular pra mim significa...

I: Emergência.

E: O que mais gosto em um computador é...

I: Ahhh, a facilidade que eu tenho de falar com meus amigos. Ter, ah... deixa eu ver... Falar com meus amigos, aumentar minha cultura... ah, ter acesso a informações médicas. Ah... várias outras coisas. Que mais? Receitas. Ah, no geral, em tudo.

E: Quando você fala de informações médicas, que tipo de coisa você procura?

I: Eu procuro sobre problema renal. Que é o que eu tenho.

E: Que é o que você faz acompanhamento no Hospital das Clínicas?

I: Exatamente. Insuficiência renal.

E: Te ajuda?

I: Ajuda sim. Ajuda, principalmente assim, alimentos. Por exemplo, laranja. Eu quero saber se a laranja, ah... agora eu sei que eu posso chupar uma laranja lima por dia, pela nutricionista. Mas qualquer fruta, eu vou e per... eu faço a pergunta, o quanto de potássio tem, o quanto de sódio tem, mineral. Os minerais de determinada fruta, dependendo do valor eu sei se eu posso ou não posso. Entendeu? Eu vou acompanhando dessa forma. Verduras.

E: Tudo isso você busca na internet?

I: Ah, tudo! Tudo! Tudo. Que eu vou me cuidando através da internet. Além da orientação da nutricionista.

E: Estou impressionada! Que maravilha.

I: É! (Risos)

E: Que bom, Vilma. O que mais usa no computador...

I: Hoje? Sei lá, eu acho que é, bom... um... é os dois: Google e o Face, mesmo.

E: Ahã. Não usar o computador significa...

I: Ah, minha filha, eu sei lá... Acho que sem isso eu não vivo mais não!!!! (Risos) Ah, eu acho que é falta de tempo mesmo, significa falta de tempo mesmo, viu. Porque... ah, eu não tenho uma definição correta para te dar do que significa... Fica faltando alguma coisa, dá um vazio... sei lá... sabe, não... Eu não tenho uma definição assim correta para te dar. Entende?

E: Não tem um certo ou errado. É aquilo que significa pra você! O não usar o computador significa...

I: O não usar o computador significa... Eu acho que... Desinteresse! Desinteresse! Tem dias que você não está muito, sabe... pouquinho deprimida. Depressão assim, sabe, quando você está um pouco chateada, que você não quer nem... Então é desinteresse. É desinteresse sim!

E: Os seus amigos que não usam o computador você também nomearia como desinteresse?

I: Não! Não! Não, eles não usam porque não tem. Faz parte do grupo que não se interessa em ter. Não tem curiosidade. Não querem. Não querem mexer com isso. Acham que morde, né?? (Risos)

E: É uma possibilidade... (Risos) A internet serve nos momentos...

I: Ah, nos meus... nos momentos assim... ai... eu acho que nos principais momentos, assim, de que eu sinto necessidade de entrar, de fazer pesquisa, de distração. Eu acho que é necessário. Nos momentos... em qualquer momento que você, acho que eu preciso entrar naquela biblioteca e usar... me passa algum coisa pela cabeça, eu sento e uso. Então esse é o momento. Entendeu?

E: Bacana! O celular serve nos momentos...

I: De emergência.

E: O aparelho de celular pra mim significa emergência, nos momentos de emergência.

I: É, só! Porque é só pra isso que... Em casa eu tenho esse, o outro, o fixo. Eu uso esse para sair, se não, eu ligo da onde? É só emergência mesmo.

E: Hoje em dia usar o Facebook pra mim significa...

I: Nossa!!! Uma distração, uma alegria, um passatempo... Uma informação. Tudo! Estar atualizada com tudo e com todos.

E: O uso do celular por mim para a minha família significa que...

I: Hum... quando é celular mesmo, então já fica todo mundo com o é atrás, né. (Risos) É necessidade só. Necessidade.

E: Pra eles o seu uso do celular é por necessidade.

I: É, por necessidade, porque... ah... eu não pego o celular para fazer joguinho... Ah!!! Tem outra coisa que eu ainda preciso mexer no celular, aprender a mexer: a câmera. Isso eu preciso, que eu não sei fazer ainda. (Risos)

E: Hum... É verdade. Porque tens esses telefones todos cheios de coisa, tem tudo...

I: Não... o meu é simplezinho pra caramba. Mas ele simplezinho mesmo, mesmo sendo simplezinho, aqui ó, ó o danadinho, olha o tamanhinho.

E: Ah...

I: Ele é velhinho pra caramba. Mas acontece que ele fotografa também e eu preciso aprender.

E: Que bom. Você teria um telefone mais moderno?

I: Não, não! Você sabe por quê? Porque eu tenho... eu sempre falo, a minha filha sempre falou "mãe qualquer hora eu vou te dar um...", o meu neto aliás, "vó eu vou comprar para poder... o dele é aquele bonito, assim, umas coisas assim, sabe (apontou para o celular que estava gravando em cima da mesa), que fotografa, tem internet, tem isso, tem aquilo. "Vou te dar o meu e vou comprar outro". Eu falo "não filho, o que eu quero é este aqui". Você sabe por quê? Este não chama a atenção. Se eu precisar usar na rua, ninguém, ninguém vai olhar duas vezes pra esse. E eu estou mais segura. É pela minha segurança que eu quero este. Esta é a resposta que eu dou.

E: Perfeito. O uso do computador por mim para a minha família significa que...

I: Puxa vida!!!! Significa o seguinte, que eu deixei de ser aquela... aquela pessoa retraída que eu era, entende? Com... ah... como é que eu vou falar... retraída... não é dominada, assim, sem, sem... com medo de tomar iniciativa. Eu me tornei uma pessoa mais aberta, mais assim... eu tô na frente de tudo, eu tomo decisões. Então me ajudou muito mesmo. Eles estão felizes de eu ter enfiado a cara nesse negócio.

E: (Risos) Que bom!

I: Ah não... qualquer... Não... porque é difícil... e outra coisa, tem o incentivo por parte da minha filha principalmente. Do meu filho não... a gente fala que ele é desligado disso aí. O negócio dele é aeronáutica, é avião... é o curso dele, ele só pensa nisso agora. Então ele... Então agora... ela não. Ela vive me incentivando. "Não, mãe! Você vai ter que aprender a fazer isso, isso, isso e isso porque tem, é assim mesmo que tem que ser! Você não pode ficar parada no tempo não!". Então, eles estão muito felizes com isso, principalmente a minha filha e os meus netos. Muito felizes de eu ser assim, uma avó pra frente!

E: E muito, hein!!! (Risos)

I: Uma avó que não fica sentada só fazendo tricô e crochê. (Risos)

E: Muito bom!!

I: Não é mesmo?!

E: Entre o grupo de amigos usar o celular significa...

I: Ai... eu acho que... bom... determinadas situações é melhor você usar o celular que é uma coisa mais discreta, né? Que o celular você pode pegar, ir para um cantinho, conversar com as pessoas sem que outras ouçam. Eu acho assim, que o celular é útil nisso. Então, para determinadas conversas, não importa quem seja a pessoa, o celular é útil tanto para mim como para os meus amigos, minhas amigas, entende? Nesse sentido.

E: Que interessante! Não tinha pensado nisso.

I: É! Você tem uma... é mais particular. Entende? Porque se você vai atender um telefone com as pessoas... querendo ou não, por mais educada que a pessoa seja, uma coisa ou outra ela ouve, então tem coisa que não dá! Então você pega, pede licença e vai para o cantinho, conversa a vontade, fala o que você tem que falar claramente, entende?!

E: Ahã! Legal! Entre o grupo de amigos usar a internet significa...

I: Comunicação! Comunicação direta, todos os dias e a qualquer momento.

E: Uau!!! (Risos) Vilma, tem alguma pergunta que eu não fiz, que você gostaria que eu fizesse ou algo que você gostaria de complementar a tudo que foi dito?

I: Não, eu acho que não, bem. Não! Acho que não... a menos que você queira fazer mais alguma pergunta, eu estou disposta a responder.

E: Ahã. Você acha que houve influência das pessoas da sua família para que você usasse o computador, que você se interessasse cada vez mais? Você disse que sua filha faz um pouco disso. Mas a família em si, te impulsiona, te influencia a usar isso?

I: Não, só a minha filha. (Risos) Não, porque essas minhas netas... Hoje em dia elas veem isso como normal, elas vem aí e a gente conversa muito. Vem aqui e elas me chamam lá na biblioteca para poder conversar... Entrar junto com elas ali para poder acompanhar a conversa e essas coisas. Mas o incentivo mesmo, mesmo, mesmo vem da minha filha e dos filhos dela.

E: Os amigos também influenciam?

I: Influenciam! Nossa!!! Nossa!!! Porque a comunicação melhorou muito, né? Porque não é toda hora que você pega o telefone e tem tempo de... sabe... de bater um papo. No computador não! Você vai, deixa uma mensagem e espera resposta. Aí você sai, vai fazer alguma coisa, dá uma olhadinha lá e vê se já respondeu. É assim! Não é melhor? Não é prático?

E: É!

I: Então! É prático e ótimo!!!! (Risos)

E: Vilma, muito obrigada pela sua atenção. Obrigada por ter respondido as minhas perguntas. Foi muito rica a sua entrevista. Adorei.

I: Magina, que isso!!!

E: Teve coisas que me surpreenderam, que eu não esperava ouvir e fiquei sabendo um pouquinho da sua história. Muito obrigada.

I: Que bom!!! Puxa vida! Foi ótimo ser útil dessa forma!

E: Obrigada. Encerro a entrevista por aqui.

### TRANSCRIÇÃO PARTICIPANTE 3

Entrevistadora: Miranda, hoje é dia 17 de outubro, vou te entrevistar para a minha pesquisa, você poderia, por favor, me dizer sua data de nascimento completa?

Miranda: 07 de Abril de 1953.

E: Escolaridade?

M: Superior.

E: Estado civil?

M: Casada.

E: Tem filhos?

M: Sim.

E: Quantos?

M: Dois.

E: Netos?

M: Dois.

E: Com quem você mora hoje?

M: Com o marido.

E: Qual a sua fonte de renda? Pode ser mais de uma. Própria, filho, aposentadoria...

M: Uhum, é, comendo com o marido, tem a aposentadoria dele, o salário dele, que ele continua no mercado de trabalho. E da minha parte, como psicóloga, dos meus atendimentos, vivências, constelações, técnicas da Psicologia.

E: Uhum. Em média, isso dá mais ou menos quantos salários mínimos? Juntando tudo. A renda da casa.

M: Tá. Quanto está o salário hoje?

E: Seiscentos e setenta reais.

M: Seiscentos e setenta... Uns 13 salários. De 13 a 15 salários.

E: Já trabalhou? Você me disse que trabalha atualmente...

M: Sim.

E: Com psicoterapia, com a constelação...

M: Sim.

E: No seu dia a dia você tem acesso aos seguintes recursos: TV?

M: Sim.

E: Telefone fixo?

M: Sim.

E: Smartphone, que é um celular mais moderninho?

M: Sim.

E: Computador?

M: Sim.

E: Tablet?

M: Não. Não tenho. Não.

E: Internet?

M: Sim.

E: Quais desses recursos você utiliza: TV?

M: Sim.

E: Telefone fixo?

M: Sim.

E: Celular?

M: Sim.

E: Computador?

M: Sim.

E: Tablet?

M: Não.

E: Internet?

M: Sim.

E: Facebook?

M: Sim.

E: E-mail?

M: Sim.

E: Blog?

M: Ainda não.

E: Aplicativos de mensagem instantâneas, como Skype, Google Talk, MSN?

M: Sim, Skype.

E: Messenger?

M: Sim.

E: Algum outro diferente? Algum site que você entra, ou tem o costume de acessar algum outro recurso?

M: Acho que não, Monique. É só isso. Tudo isso!!! E não só isso! (Risos)

E: Realmente é muita coisa. Você encontra alguma dificuldade para ter acesso à esses recursos? Se sim, quais?

M: É... sim! Até mesmo manusear e-mail quando eu preciso de outros recursos, é... tem que abrir outros dispositivos e eu me perco nisso muitas vezes. Então eu perco tempo, eu me irrita um pouco com isso. Enfim, eu encontro sim dificuldades. Recentemente em celular, quer dizer, eu tinha meu celular, foi roubado, enfim... tive que comprar um novo. Até me adaptar, ainda estou me adaptando, sinto sim dificuldades, né? Especialmente não tenho, não falo inglês, então muita coisa vem em inglês, no computador especialmente, então, eu tenho sim dificuldades.

E: A dificuldade é mais em saber como usar a ferramenta ou de lidar na ferramenta no sentido físico, de enxergar ou de ouvir, ou de manuseio... Algumas coisas que são mais finas, como por exemplo, o celular touch, que às vezes não vai no toque... é mais de como usar a ferramenta?

M: Isso! Exatamente. Exatamente.

E: Perfeito. Você usa algum desses recursos para falar com amigos ou familiares: telefone fixo?

M: Sim.

E: Celular?

M: Muito. (Risos)

E: Computador?

M: Sim.

E: Tablet? Pelo visto não.

M: Ainda não, porque eu não estou com tempo! (Risos)

E: Internet?

M: Sim.

E: Face?

M: Sim.

E: E-mail?

M: Sim.

E: Blog? Blog não.

M: Não.

E: Skype, Google, Messenger para falar com amigos, parentes...

M: Quando você fala Blog, Blog de outras pessoas que eu possa acessar?

E: Isso!

M: Ah, não! Sim, isso eu tenho.

E: Como exemplo, sei lá, Blog da Del Mar, que ela faz uma página pessoal... com informações de constelação...

M: Ah, não. Isso tenho!!! É que não me ligue, né!? Mas eu acesso bastante! De outro.

E: O seu mesmo não tem?

M: Isso. Não tem o meu. Ainda também não. Já precisar ter. Mas ainda não. Mas eu utilizo sim, de outras pessoas.

E: Perfeito. Messenger, Skype, Google Talk para se comunicar com amigos e parentes...

M: Sim, sim, sim!

E: Uhum. Em quais outras situações você utiliza os recursos citados acima? Além de comunicação com amigos e parentes, quais outras situações?

M: Ahm, por exemplo, e-mail, para o meu trabalho, é... então eu tenho vários contatos e eu utilizo muito para... atrair pessoas para o meu trabalho mesmo. Como fazer, convidar para vivências, enfim... processos terapêuticos, também uso bastante. O que mais seria, um exemplo?

E: É o que você mesmo falou, divulgação do seu trabalho, convites...

M: Isso, isso!

E: Eu fiz uma pergunta se você tem dificuldade para ter acesso àqueles recursos. Você tem alguma dificuldade para usar os recursos, como o celular, a internet?

M: Sim, também sim! Como falei, o celular é novo, muitas vezes já aconteceu, por exemplo, de terminou a ligação, mudou totalmente, né... comprei um diferente, mais moderno, tal... e o finalizar a ligação (fez um gesto com a mão como se estivesse com um celular na mão e apertasse um botão - risos), não finalizei e foi embora todo o meu crédito, então é... é uma dificuldade de adaptação sim, né? Depois, lógico que fica natural, né. Mas eu sinto sim algumas dificuldades.

E: Ok. Seus amigos ou familiares te influenciaram a ter e/ou usar esses recursos? Se sim, de que forma?

M: Uhum. Bom, eu voltei a estudar aos 49 anos. Até então, tinha computador, mas porque a filha usava, o filho usava. É... com a faculdade, eu tive aí sim, fui influenciada e quase que obrigada a entrar nesse meio, porque eu tinha que fazer os trabalhos, tinha que fazer a... os estudos, sempre pelo computador. Então influenciaram muito. Agora o Facebook, por exemplo, a família foi entrando e eu não tinha, quer dizer, era mais alguma coisa para eu realizar no meio de tanta coisa que hoje eu realizo. Então, "ah, mas você tem que entrar, porque fulano entrou", foi quase que assim, convocada, não fui nem convidada, né? Então a gente vai fazendo, tanto que eu entro e, às vezes, eu percebo que é um mundo assim, espetacular, né? Do tipo, eu entro no Face porque tem uma mensagem no e-mail que tem alguém que passou alguma, algo pelo face da família, aí eu vejo fotos minhas da infância, né! Descubro parentes que eu nem sabia que existia. Então tem uma influência muito grande.

E: Isso te beneficia, na sua opinião, hoje? Esse tipo de contato?

M: Sim! Né! Tem os dois lados. Eu acho magnífico. De estar com o presente, meio passado tão juntos. Estar em contato de forma instantânea com pessoas tão distantes, né... receber algo, receber um parabéns, vários lá no dia do aniversário, né? Tudo isso eu acho fantástico. Agora... a... qual era o complemento da pergunta???

E: Esse era o benefício, o que não é benefício? Você disse que tinha os dois lados...

M: Ah, sim...

E: Por um lado te beneficia por outro não. Qual não beneficia?

M: Pra mim, no meu caso, é assim, isso demanda tempo! Às vezes, a gente entra pra ver e tem outra pessoa, e quando você vê tem lá online várias pessoas, você lembra "ah, quero falar com..." e você começa a falar, quando vê passaram-se duas horas. E aí eu tenho outras coisas para resolver, então, nesse sentido isso me cansa um pouco, eu evito um pouco, fico, às vezes, um pouco fora, né? E as pessoas "você não viu isso no Face? Eu mandei isso e tal...", me sinto cobrada... então, isso pra mim já não é um benefício. É uma preocupação de estar inserida nesse contexto, mas não ter tanta disponibilidade assim... então, seria essa parte mais negativa.

E: Como você faz para adquirir esses equipamentos tecnológicos? Você os compra ou as pessoas te dão como presente?

M: Recentemente o celular eu tive que comprar sozinha. (Risos) É... mas, tem as pessoas que estão tão disponíveis, com tanta informação, que eu não tive dificuldade. E pude escolher aquilo que mais me convinha naquele momento, né! É... mas, como eu tenho os filhos, a filha que é da área da Publicidade e que usa intensamente, então ela também me influencia sim, ela também "não, porque você precisa se atualizar", inclusive do Tablet, que você está falando, eu tenho que ter (risos). Ai.... enfim, tem esses dois aspectos.

E: O celular atual foi você que comprou.

M: Sim.

E: Mas, por exemplo, o computador. Você que escolhe quais recursos tem, ou vem os filhos de fora, ou os netos e dizem "tem que ter isso, aquilo, deixa que eu escolho, deixa que eu compro e você paga"... Como funciona isso, M?

M: É mais, é mais... eles que influenciam. Meu filho viajou para os Estados Unidos, então traz alguma coisa, ou então... eu estava precisando, meu computador é daquele bem antiquinho. Daí precisava trocar, eu falei com a minha filha, "não, você pesquisa sobre isso, tal...", tanto eu pesquisei um pouco, mas eu deixei assim por conta também deles me orientarem mais sobre isso, porque afinal sabem mais do que eu. Só nisso!!!! (Risos) Então, eles influenciaram, contribuíram bastante para isso sim. Também vai ficando defasado, por exemplo, a minha impressora, né? Então tem que comprar uma outra com mais recursos. E aí eu pesquiso ou, às vezes, eu vou direto na loja e peço essa orientação e os próprios vendedores orientam bastantes, estão bem disponíveis. Eu deixo bem claro para me explicar bem (risos), e... consigo fazer isso também!

E: Quem bom. Digo que bom porque você demonstra um interesse, no sentido de ter curiosidade ou "me explica, qual é o mais atual, o que faz isso, o que faz aquilo, qual é a diferença..."

M: Sim! E como faz. (Risos) O como fazer também.

E: Acaba tendo essa atenção M, quando você pede? Explica? Atende a explicação que vem? Te atende na sua necessidade, ou você acha que fica falha?

M: O que eu sinto é assim, que a linguagem, especialmente, que os vendedores, quando eu vou adquirir algo assim, é... é a linguagem é muito técnica e muito pronta para eles. Então, eu sempre procuro dizer "olha, me explica mais detalhadamente por que sou de, de uma outra, de um outro tempo". Às vezes, até brinco, "eu no meu primeiro emprego, muito jovem, eu tinha uma calculadora de manivelinha. Então, quer dizer, me explica com mais clareza".

E elas tem sim, quando eu me revelo dessa forma, eu percebo que sou bem atendida, aí sim, eu sou atendida nessas dificuldades, né!

E: Seus amigos usam esses recursos tecnológicos de informação e comunicação?

M: Na minha faixa etária?

E: Uhum!

M: Sim!!! Sim!!! Eu diria que cem por cento. No meu meio, eu trabalho em dois locais, então, no meu meio também eu tenho amigos com mais idade do que eu, né, também psicólogos ou outros terapeutas e todos eles utilizam, né? Todos! Hoje é impossível viver sem isso, né?

E: Você faz parte de alguma comunidade virtual, por exemplo, o Facebook? E os seus amigos e parentes também?

M: Sim, Sim! Minha família é muito grande e até as minhas irmãs mais velhas já aderiram nesse contexto. E hoje eu vejo assim, que está todo mundo dentro, né!

E: Nesse aspecto, ajuda a comunicação entre a família, entrar em contato, combinar festas, algum encontro...

M: Nossaaa! E muito! É, nós já tivemos dois encontros da família, de pessoas assim, primos de segundo, de terceiro grau, fizemos uma grande festa. Estamos com outra programada para novembro, aliás, agora outubro ainda... É.... assim, pelo jeito já tem mais de cento e cinquenta pessoas. Vai ser numa cidade do interior, de origem da gente e está sendo muito prazeroso curtir já pelo face, olhar que tem pessoas, aí você se vê "nossa, mas eu pareço um pouco com essa, com a tia avó...", né, e aí fotos muito antigas... isto está sendo muito legal. Algo que era impossível antes dessa tecnologia.

E: Eu poderia dizer que o Facebook facilita até essa conexão entre gerações, a mais nova com a mais velha, as intermediárias?

M: Sim, sem dúvida! É... eu tenho o meu neto, minha neta e a gente se comunica, se cumprimenta e com todas essas gerações. É, recentemente eu vi uma foto minha, eu pequena, e a minha madrinha que eu nem sequer sabia que vivia ainda. Está com noventa e dois anos e, a partir disso, nós fizemos um primeiro encontro da família, ela esteve presente e foi lindo, maravilhoso. Eu levei presente para ela e ela me deu presente. Então, eu nem sequer imaginava que ela ainda vivia, pela distância e por essa ausência de comunicação que existia antes desses recursos, né?

E: Quem intermediou essa comunicação, M?

M: Dessa festa?

E: Desse encontro com a sua madrinha? Que você nem sabia que era viva!

M: Olha, foi a partir de uma ideia porque foi ampliando, as irmãs do interior, foram também entrando para o Face e aí começaram a descobrir outros primos que eram da nossa época, mas já estavam também avós hoje, e começaram a se falar e daí disso surgiu a ideia de uma delas de fazer um encontro, que foi numa chácara dela... é... primeiro foi desse lado, só da família do meu pai. Depois, que veio da família da minha mãe, que veio a madrinha, veio a foto e tudo isso! E hoje tem essa outra programação que tem muito mais gente. Então é muito gostoso. É um prazer imenso a gente descobrir que esse sistema se amplia de tal forma, né? Imaginando que, especialmente, acessando essas informações das nossas origens, da nossa criança... é muito legal, muito bom!

E: Onde você aprendeu a usar esses recursos? Alguém te ensinou?

M: Sim. Foi mais minha filha, meu filho em casa e eu fuçando, como a gente fala, né! É... porque eu tinha que fazer relatórios e enfim... e ver experiência do tipo "perdi tudo!!! Não sei onde foi parar" (risos), né!? Então, teve o início de alguém ajudando, e depois foi assim, enfiando mesmo a cara para dar o tapa lá e vamos ver no que dá. É... momentos difíceis de, por exemplo, surge o medo "aonde é que foi parar isso. Aonde está o arquivo, o arquivo tal?", e aí eu vou ver que eu pus em todos os arquivos e não achava nenhum (risos). Enfim, é dessa forma que aconteceu, aos poucos fui me adaptando.

E: Por uma necessidade até do estudo e do trabalho...

M: Sim, Sim! Não tinha como, né?! Impossível eu não entrar, né?! Porque era uma exigência da faculdade, né? E foi assim, um presente, né?! Porque, não sei. Antes disso eu era mais... trabalhava como artista plástica, então era um mundo dos pinceis, das tintas, né! Depois quando eu entrei nesse universo da faculdade que eu fui introduzindo a tecnologia, então... pra mim foi um salto. Pra mim é um grande presente.

E: M, agora vou falar algumas frases e gostaria que você as completasse. A primeira vez em que usei o computador foi...

M: Foi... difícil (risos).

E: A primeira vez em que usei o celular foi...

M: Foi mais natural. E muito confortável, eu diria. Descobri que eu não precisava estar presa a um fio (risos).

E: Quando preciso encontrar alguém que não está por perto uso...

M: O celular!

E: Um aparelho de celular pra mim significa...

M: Significa... é... pertencer a este universo. Me comunicar. Estar presente.

E: O que mais gosto em um computador é...

M: É me comunicar... instantaneamente, né... e especialmente adquirir conhecimentos, pesquisas, né! Conhecer inclusive o universo, né, conhecer tudo o que tem, né! Que sem ele eu não conheceria.

E: O que mais uso no computador...

M: E-mails! (risos)

E: Não usar o computador significa...

M: Estar fora do contexto!!! (risos)

E: (Risos) Vou fazer uma pergunta extra, qual contexto?

M: É... dessa sensação de... de... poder realizar, né!? Estar fora do computador você hoje é impossível realizar. O tempo não permite, né! Então, o computador facilita a vida. Eu diria que é mais que facilitar, ele possibilita fazer tanta coisa num espaço em que você está fazendo duas coisas ao mesmo tempo, três coisas ao mesmo tempo.

E: Uhum. Perfeito. A internet serve nos momentos...

M: De prazer! Também de tristeza. De dar uma boa notícia, de receber uma má notícia, né? É... de ser convocada para coisas boas e coisas não boas. Ahm... é... acho que é isso.

E: O celular serve nos momentos...

M: Todos!!! (risos)

E: Hoje em dia usar o Facebook pra mim significa...

M: Ahm... olha, ao mesmo tempo que é... significa estar presente, estar me comunicando, vendo instantaneamente, através do online, ou passando ou reconhecendo uma foto de alguém, além de tudo isso, significa também estar muito exposta. Isso é uma parte assim, que ainda não estou tão pronta, né? Me sinto um pouco exposta, isso tem um incômodo também. Então, pra mim tem esses dois aspectos. Também tem aquela coisa de atualizar, eu não tenho muito tempo, né! Então quando eu vejo "estou desatualizada", "não, depois eu faço, depois eu não faço", mas eu me cobro, enfim... eu tenho um certo incômodo enquanto a isso.

E: Aí eu faço outra pergunta extra. Você acha que isso acaba cerceando a sua liberdade? De algo pessoal seu de manifestação, atualizar quando quer, postar quando que quer...

M: Sim, sim!

E: Ou se sente cobrada? Uma demanda que vem de fora e você se sente na obrigação de cumprir?

M: Isso! Tem sim. Pra mim isso também é um incômodo. Às vezes, através do e-mail vem a notificação do Face, de que eu tenho alguma coisa desatualizada. Daí eu vejo lá, "em que cidade você nasceu?", mas pra quê que quer saber em qual cidade... Então me sinto sim, cobrada nesse momento. Às vezes, eu não quero fazer isso. Daí quando eu vejo no dia seguinte tem duas perguntas novamente. Tem uma insistência disso... ou então tem, "você tem vinte e três amigos para adicionar", isso tem sim! Eu me sinto cobrada e muitas vezes eu abro mão disso, simplesmente delete muitas vezes.

E: O uso do celular por mim para a minha família significa que...

M: Estar junto! Estar perto!!! (risos)

E: O uso do computador por mim para a minha família significa que...

M: Também, estar mais próximo. Ser possível me comunicar, receber informações... receber fotos, né? Então tudo isso pra mim tem esse sentido.

E: Você acha que teria cobrança da sua família se, por exemplo, você abdicasse do uso do computador com esses recursos de comunicação e ficar só com o celular?

M: Se teria cobrança???

E: Se eles encheriam o saco...

M: Ahhh!!! Sem dúvida!!! Já me cobram!!! (risos) "Mãe, você precisa ter isso! Mãe!! Isso está ultrapassado!!!" (risos). Sem sombra de dúvida. Estão sempre... Eu já me sinto cobrada, que eu vejo, "poxa, preciso comprar um tablet todo mundo está tendo...", daqui a pouco já nem é mais e eu nem comprei ainda!!! Então, tanto eu me cobro como a família cobra sim!

E: Isso fica como algo, até como um recurso para ajudar, M, ou literalmente soa como, apenas cobrança, obrigação para cumprir uma meta?

M: Muitas vezes sim! Porque assim, o que eu tenho muitas vezes é o suficiente pra mim. Se eu tenho já o celular, tenho o telefone fixo, tenho o computador e tenho como me comunicar por um e-mail e até por um... um Facebook, então porque ter algo maior, mais um tablet pra carregar e correr risco e tudo aquilo de "não, olha se comprar você tem que comprar a bolsinha tal, que não demonstre que você está carregando, porque podem roubar". Quer dizer, de fato tem esses aspecto também.

E: Entre o grupo de amigos usar o celular significa...

M: Comunicar-se!

E: Entre o grupo de amigos usar a internet significa...

M: Também comunicação, divulgação, quer dizer, expor-se e estar em contato ao mesmo tempo. Significa também ampliar possibilidades no campo profissional, no campo dos relacionamentos, é tem todos esses lados também.

E: Minhas perguntas de completar em si terminaram, mas eu gostaria de fazer mais uma, M, você acha que mais pra frente, com essas outras e novas tecnologias, que supostamente tendem a vir, você acha que isso virá para beneficiar a sua vivência, ou de uma certa forma isso lhe trará mais trabalho e mais demanda que supostamente não seria sua?

M: Eu acredito que traga sim, mais demanda, mais trabalho que não seria minha necessidade, o meu desejo, né! Mas de outro lado, não tem como não estar também inserida, porque é a forma que existe, porque facilita a vida, não é? O que a gente levaria dias, a gente faz em minutos, provavelmente em segundos daqui pra frente, né!? Em todos os sentidos, no conhecimento, adquirir conhecimento, passar informação, passar conhecimento, estar em contato com pessoas queridas, também trabalhar de forma muito mais autônoma... é... de outro lado, eu tenho assim, uma... pra mim tem sim uma dificuldade também, quer dizer, "aonde vai parar isso", né, e me preocupa até esse lado mais, de... de tantos, tantos aparelhos que estão se renovando hoje, já no Brasil são dois celulares para cada habitante, né! Eu me preocupo aonde vai parar isso, né? Pensando na sustentabilidade do planeta, tudo isso tem uma preocupação. Mas não sei, eu confio que as inteligências estão aí pra isso, e todos estão evoluindo com isso e as coisas vão ser cada vez melhores, eu entendo né?! Que de alguma forma alguém vai direcionando de maneira saudável tudo isso.

E: M, agradeço a sua participação. Obrigada pela sua dedicação de compartilhar um pouquinho da sua história para responder as minhas perguntas. Sou muito grata!

M: É um prazer, foi um grande prazer.

E: Obrigada!